



CATTLE VALLEY



Cattle Valley Mistletoe

CAROL LYNNE



Cattle Valley Mistletoe¹

Disponibilização e tradução: Rachael Moraes

Revisão: Rosemeire Hespanholetto

Revisão Final: Angélica



Resumo

O Reverendo Casey Sharp, ama sua igreja, sua congregação e sua comunidade. Ele só deseja que eles o amem também. A comunidade o estava fazendo pagar pelos pecados do antigo reverendo, e isso o fazia sentir-se abandonado.

O empreiteiro, Halden Kuckleman, ama sua vida quieta. Depois de um trauma de infância, Hal desistiu do amor e de Deus. Quando contratado pela igreja para terminar a obra de uma nova sala de reunião, diz para si mesmo que é apenas um trabalho como outro qualquer. Ele trabalharia bem, desde que o Reverendo Sharp não o tentasse salvar.

Com um prazo final apertado para terminar a sala, Hal começa a se perguntar como ele vai conseguir terminar o trabalho antes da festa anual, na Véspera de Natal. Quando Casey se oferece para ajudar, porém, ele começa a se perguntar se o belo ministro o ajudará a terminar a obra ou apenas o fará cair diretamente em tentação.



¹ Mistletoe significa visgo, aqueles que aparecem em filme de natal e que as pessoas têm que se beijarem quando estão em baixo dele. Por não serem comuns no Brasil, optamos por não traduzir o título.

Capítulo Um

—Kuckleman Construções. — uma voz profunda e grave respondeu.

—Hum, sim, oi, eu gostaria de falar com Halden Kuckleman.

—Você fala com ele. Em que posso ajudar?

—Olá, Sr. Kuckleman, aqui quem fala é o Reverendo Casey Sharp da igreja de Cattle Valley. Eu preciso saber se estaria disposto a fazer um orçamento para a conclusão da obra de expansão da igreja. — Casey ajustou seus óculos de leitura, um hábito nervoso que tinha desde a época de escola.

Ele estava começando a se preocupar em nunca encontrar alguém para terminar o salão da recepção e, nesta data tardia, estava desesperado o suficiente para chamar Halden Kuckleman.

—Desculpe, eu não trabalho para igrejas. — disse Halden.

—Sim, bem, eu ouvi isso, mas eu estou meio desesperado. O empreiteiro que contratei para fazer o trabalho saiu no meio do projeto, e nós prometemos o prédio pronto para a festa de Natal. Eu sei que você não é um homem religioso. Sr. Kuckleman, e se estiver disposto a vir dar uma olhada no edifício, eu prometo não tentar salvá-lo. — Casey mordeu o lábio, talvez ele não devesse ter dito isso.

Mesmo que o conhecimento de que Halden era um ateu, fosse conhecido por toda a cidade, talvez Casey devesse ter ficado de boca fechada. Ele era o cara novo na cidade, e fazer inimigos não era sua idéia de se adaptar. Houve um suspiro alto do outro lado do telefone.

— Ainda há muito a fazer?

—Bem, a estrutura de base está lá, mas nada foi feito no interior. Lamento dizer, não há qualquer calefação ainda, mas pelo menos você estará fora da neve e do vento. — Casey olhou pela janela do escritório para a neve no chão. Era apenas meados de Novembro, e a cidade já estava coberta com quase dois metros de neve. Com certeza não gostaria de trabalhar em um edifício sem aquecimento, mas, se uma pessoa era contratada para trabalhar em um tempo como este...

—A questão do aquecimento não me incomoda, apenas a localização.

Casey não disse uma palavra. Halden parecia estar considerando, pelo menos ele não tinha desligado ainda.

Após alguns segundos, Halden continuou.

—Você vai estar na igreja esta tarde?

Casey ergueu o braço no ar em triunfo.

—Sim, eu vou estar aqui todos os dias.

—Eu provavelmente poderia passar por aí depois do almoço e dar uma olhada, sem promessas, no entanto.

—Sim, claro. Minha casa fica ao lado, onde provavelmente estarei. Você pode simplesmente buzinar quando você entrar no estacionamento, e eu saio para te encontrar.

—Casey fechou a agenda, e a colocou de volta na prateleira.

—O verei então. — disse Halden e desligou.

Casey colocou o telefone de volta no gancho e olhou em torno de seu escritório. Ele ainda tinha caixas para desembalar completamente, e tinha de ensaiar um sermão para o domingo. Coçando a cabeça, se levantou e caminhou para a cozinha. Talvez uma xícara de café forte o ajudasse. Ainda não se sentia completamente em casa, mas o que ele esperava? Ele só estava em Cattle Valley há duas semanas, duas semanas muito solitárias. Apesar da vocação escolhida, Casey era um homem que gostava de sexo, montes de sexo. Foi a única razão pela qual ele tinha escolhido ir para a faculdade para obter o seu mestrado em estudos religiosos, em vez de entrar em um seminário.

Agora, com o emprego dos seus sonhos finalmente no lugar, sua vida social parecia estar pagando o preço. Não era que as pessoas na cidade não fossem amigáveis. Eles só tendiam a manter Casey à distância. Ele sabia que o culpado foi o seu antecessor, o reverendo Brian Doles, mas Casey esperava que eles entendessem que ele não era igual. Ele nunca tinha sequer considerado bater em um amante. Talvez a cidade só precisasse de uma chance para se curar.

Casey verteu uma xícara de café, e atravessou a sala para o quarto. Embora a sala e a cozinha estivessem arrumadas, a maioria de seus pertences ainda cobria o chão da casa. Casey simplesmente não tinha o coração para cavar as memórias ainda. Deixar a sua família e se mudar para Wyoming tinha sido um grande passo para ele. Sua mãe ainda não entendia por que ele precisou ir. Talvez ele voltasse para Kansas City depois da Páscoa para uma curta visita. Ele já sentia saudades de suas sobrinhas e sobrinhos e ele tinha acabado de se mudar. As fotos de sua unida família deviam confortado-lo, mas Casey sabia que elas apenas o deixavam com mais saudades de casa.

Ignorando as caixas, Casey foi para o banheiro pequeno fora da sala de estar. Se ele iria se encontrar com Halden Kuckleman era melhor que ele não cheirasse ao seu próprio sêmen. Casey e sua mãe tinham se tornado os melhores amigos desde que se mudou para a cidade. Mesmo ele se aliviando várias vezes ao dia, nunca parecia estar totalmente satisfeito.

Casey colocou o copo na pia, tirou sua roupa e se olhou no espelho. Ele sabia que ele era um homem bonito. A fila de homens disputando sua atenção em sua antiga casa testemunhava isso, mas como as pessoas o viam em Cattle Valley? Sim, ele usava um pequeno óculos de armação na maioria das vezes, mas ele não pensava que o fazia parecer bobo. Talvez o corte de cabelo que sua mãe tinha insistido em fazer fosse demasiado curto. Casey passou a mão sobre sua cabeça loira. Ele supôs que não era muito curto, apenas correto, na verdade, dada a sua nova vocação.

Tinha que haver alguma coisa nele que não atraia os homens nesta cidade.

O telefone tocando tirou seu olhar do espelho. Olhando para baixo, ele debateu se devia ou não responder. Ele estava nu como o dia em que nasceu, e a casa tendia a ter uma corrente de ar. Repentinamente preocupado que pudesse ser uma chamada de Halden, Casey correu em direção ao telefone, o pênis nu balançando.

—Olá. — disse ele ofegante.

—Uh, oi, Casey?

—Oi, Nate, — Casey sorriu. Nate Gils e seus companheiros eram seus únicos amigos reais, até agora.

—Será que eu te peguei em um momento ruim? — Nate perguntou.

—Não, eu estava apenas me preparando para tomar banho. Eu consegui convencer Halden Kuckleman a vir olhar o edifício. — Casey sentou-se, consciente dos motoristas que passavam podiam ser capazes de ver pela janela. Ele sabia que não ficaria bem se eles vissem o seu novo reverendo andando nu.

—Bem, parabéns, — Nate riu. —Se você receber Hal, nu. Tenho certeza de que você ira ficar assim por algum tempo.

—Sim, eu sou a favor de ficar nu, embora não recentemente. — Casey riu. A melhor coisa sobre Nate era não ter que mentir sobre quem você realmente é.

—Vai estar pronto antes de conhecê-lo. Ouça, eu queria saber se você gostaria de almoçar mais tarde.

Casey passou a mão sobre o pênis exposto, coitado e negligenciado.

—Teria de ser cedo. Eu não tenho certeza de que horas Halden virá, ele disse na parte da tarde.

—Ás Onze no Deb's? — Nate perguntou.

—Parece bom para mim. Eu estarei lá. — Casey desligou e voltou para o banheiro. Ele tinha um encontro com a água quente, e sua mão.

Acenando para Nate, Casey andou através da lanchonete lotada.

—Ei — disse ele, deslizando para dentro da cabine ao lado de seu amigo.

—Então, — Casey começou, tirando o casaco. —Como está a academia?

Nate encolheu os ombros e olhou seu cardápio.

—Firme e lento. Nós conseguimos finalmente assinar o contrato de arrendamento. E Rio foi para Houston, conversar com um cara sobre a compra de alguns equipamentos.

—Ah, então é por isso que você me chamou para almoçar. — Casey provocou.

—Eu o odeio. Cada segundo que ele não esta é uma tortura para mim. — Nate passou a mão pelos cabelos e olhou para fora da janela. —Eu fiquei aqui supervisionando a remodelação enquanto ele esta no Texas se divertindo com algum amigo dele.

—Quanto tempo faz que ele foi embora?

—Desde ontem de manhã.

Casey riu e balançou a cabeça.

—De ouvir você falar, eu teria imaginado que ele tinha ido há uma semana.

—Bem, parece uma semana. — Nate amou.

Stella veio para tomar o seu pedido antes que eles pudessem continuar.

—Eu vou pegar a malagueta e um rolo de canela. — Casey colocou seu cardápio de volta na mesa e esperou Nate terminar o pedido.

—Por que você sempre pede essa combinação estranha? — Nate perguntou.

—O que, pimentões e rolo de canela? É o que eu cresci comendo. — Casey deu de ombros. —Foi sempre o meu almoço favorito na escola. Acho que eu nunca pensei sobre isso ser estranho.

—Vocês de Kansas são um pouco diferentes com a comida. Como quando você pede uma Coca-Cola, quando o que você realmente quer pedir é Pepper², isso é estranho, cara.

² Dr. Pepper é um refrigerante comercializado nos Estados Unidos, como tendo um sabor único. Criado em 1880 por Charles Alderton de Waco, Texas, foi o primeiro a ser servido em torno de 1885...



Casey coçou o queixo.

—Isso é o que a maioria das pessoas diz em casa ao invés de refrigerante. Alguém pergunta se você quer uma Coca-Cola e você diz sim, me traga uma Dr. Pepper. — Casey pensou sobre isso e sacudiu sua cabeça. —Você está certo. Nós somos um bando de malucos.

Eles falaram sobre a academia até que a comida chegou e somente comeram por um tempo. Casey não pode comer mais e empurrou o prato.

—Eu juro que esta é a última vez que eu vou a qualquer lugar público com você. — Casey disse, olhando para Nate.

Nate pegou o guardanapo e começou a limpar a boca.

—Por que, eu tenho comida por toda a minha cara?

—Não, é porque todo homem elegível que esta aqui tentou fazer contato visual com você, e eles estão me ignorando completamente. —Casey tirou os óculos e esfregou os olhos. Ele estava tão frustrado.

—Ei, não se venda barato, você é um homem maravilhoso. — disse Nate enquanto passava os olhos pelo restaurante.

—Ok, se eu sou tão maravilhoso, como é que eles estão todos olhando para você?

Nate deu de ombros e levantou as mãos.

—Eu disse que você é maravilhoso, mas isso — apontou para si mesmo — é o pacote total e mais um pouco. Além disso, ajuda quando eles sabem que eu não estou disponível. Vê-se como o fruto proibido. —Nate não conseguiu segurar sua expressão grave por mais tempo e deu uma gargalhada. —Sem brincadeira. Dê tempo para as pessoas, eles vão te procurar.

—Espero que sim, porque o celibato não é a minha coisa. — Casey pegou sua carteira e colocou dinheiro na mesa pelo seu almoço. —Eu tenho que ir.

—Foi difícil fazer Halden aparecer, e eu não quero me atrasar.

—Há algo que você deve saber, sobre ele. Quando os rumores começaram sobre nós abrirmos uma academia, Hal foi o primeiro a chamar. Depois de me encontrar com ele, eu disse que ele seria um ótimo instrutor. Ele me deu um fora. Disse que ele não gostava de ter contato com as pessoas. Na medida em que eu sei, ele só tem um verdadeiro amigo na cidade, que é o Gill. O engraçado é que Gill é tão tranquilo quanto ele, eu nem sabia que ele tinha algum amigo na cidade. Não me pergunte o que os dois fazem quando se reúnem, porque eu tenho certeza que ele não gosta de nada.

—Quer dizer que você acha que eles estão vendo um ao outro? — Casey perguntou, colocando seu casaco.

Nate balançou a cabeça.

—Não, pelo que entendi, eles são apenas amigos.

Casey assentiu com a cabeça e apertou a mão de Nate antes de sair. Entrou no seu Honda, e foi para casa.

Até o momento em que chegou de volta em sua casa, ele se sentia desgastado. Ele odiava conduzir na neve. As pessoas em volta pensavam que não era nada. Talvez ele precisasse de um carro com tração nas quatro rodas.

Quando ele estava saindo do carro, uma pick-up 4x4 enorme entrou no estacionamento. A partir do símbolo do lado do carro preto, Casey, determinou que fosse Halden. Com um rápido olhar para seu reflexo na janela, Casey atravessou o pátio para o estacionamento.

Os pés de Casey vacilaram quando viu Halden saindo do seu caminhão. Oh, droga. Isso era como acenar com um bife no nariz de um homem faminto. Halden tinha o tipo de corpo pelo qual ele se sentia atraído em um homem, alto e com ombros largos. Halden caminhou em direção a ele. Ele não conseguia distinguir as características faciais de Halden por causa do chapéu de cowboy baixo em sua testa, mas pela maneira como ele se movia, Casey adivinhou que ele ia ser gostoso de perto.

A poucos centímetros do homem, Casey estendeu a mão.

—Sr. Kuckleman?

A mão de Casey foi tomada em um aperto firme, quase forte demais.

—Me chame de Hal.

Tentar retornar o aperto de mão quase matou Casey. Ele definitivamente não era igual a Hal em relação a força. Após um exame mais detalhado, o rosto de Hal se via realmente gostoso. Não tipicamente bonito, mas quando você colocava com todo o conjunto, o efeito era bom.

—Ok, Hal, eu sou Casey. — Ele largou a mão de Hal e apontou para a parte de trás da igreja. —Como você pode ver, a estrutura está pronta, mas é basicamente isso.

Enquanto caminhavam em direção à expansão, Hal esfregou as costas do pescoço.

—Você se importaria em me dizer por que o empreiteiro original não terminou?

Casey abriu a porta lateral e levou Hal no grande espaço aberto.

—Nada emocionante. Jeff Hutton começou o trabalho, mas pediu para sair do seu contrato devido a alguns problemas pessoais.

Hal acenou com a cabeça e continuou a caminhar ao redor do espaço.

—Então, do que estamos falando aqui? Vai para ser uma grande sala ou haverá divisões?

Com um sinal para segui-lo, Casey caminhou em direção a mesa de trabalho colocada ao longo de uma parede.

Ele desenrolou a planta para a inspeção de Hal.

—Como você pode ver, é basicamente uma grande sala, com a exceção dos banheiros aqui e uma cozinha funcional. Nós teremos as festa e reuniões da igreja aqui, e pensamos em alugar o espaço para outros grupos ou indivíduos.

Hal abriu as plantas.

—Você se importaria se eu levasse estas comigo? Eu preciso estudá-las antes que eu possa dizer o quanto e se pode ser feito a tempo para o Natal. Vou ser sincero, o prazo vai ser o maior problema. Você seria contra o orçamento se o prazo não puder ser cumprido?

Com aqueles olhos azuis claro olhando para ele, Casey achava difícil até pensar.

—Uh, bem, acho que iria depender de quão longe seria a data.

—O acabamento na sua maioria, vai levar algum tempo para começar e a fiação e encanamento terão de estar feitos antes mesmo que possamos iniciar o isolamento e a calefação. — Hal estreitou os olhos um pouco e se inclinou para frente. —Eu não vou colocar velocidade em detrimento da qualidade, então se você só quer que isto seja feito e não se importa como, eu não sou seu homem.

Oh sim você é, Casey pensou.

—Devo aos paroquianos um trabalho bem feito, assim você não vai obter quaisquer argumentos contra isso de mim.

—É justo. — Hal começou a caminhar em direção à porta, mas parou e se virou. —Eu preciso ser sincero com você. O inverno é ruim para alguém na minha linha de trabalho. Eu acho que eu vou assumir esse projeto, mas você precisa saber que vai ser pelo dinheiro e para me dar algo para fazer durante o inverno. Eu não tenho nenhum desejo de ser levado para a Terra Prometida por você ou por qualquer outra pessoa.

—Eu disse isto antes, estou procurando um empreiteiro, não outro paroquiano. — Casey se sentiu um pouco irritado que Hal pensasse que ele ia tentar convertê-lo.

Segurando as plantas, Hal assentiu.

—Eu vou dar uma olhada e trazê-los de volta para você o mais rapidamente possível.

—Eu aprecio isso. — disse Casey, seguindo o traseiro de Hal fora da porta e no estacionamento.

Entrando em seu caminhão, Hal chamou.

—A propósito, você já tem os materiais encomendados, ou eu vou precisar fazer isso?

Coçando a cabeça, Casey se aproximou de Hal.

—A maioria esta armazenada na minha garagem. A calefação não foi encomendada, porém, tanto quanto o material de pintura, acabamentos e coisas assim.

—Ok, bom saber. Eu chamarei assim que possível. Foi um prazer conhecer você, Casey.

—Digo o mesmo. — Casey conseguiu dar um sorriso. Ele recuou e viu Hal sair, se perguntando se Hal era brusco com todos ou apenas com os homens da igreja.

Capítulo Dois

Deitado no sofá, Casey comia uma tigela cheia de pipoca e tomates quentes, enquanto assistia A Rocha. Ele não sabia se estava prestando mais atenção ao filme ou ao ator principal, mas ambos pareciam ser extremamente gratificantes.

Ele tinha acabado de começar um lento, acariciar no seu pênis, quando houve uma batida na porta. Olhando para baixo, seu pênis em sua mão, suspirou.

—Depois. — Casey colocou a tigela de pipoca na mesa de café, e tentou ajustar a sua ereção meio dura em seu moletom, antes de simplesmente desistir e caminhar em direção à porta.

Olhando através do olho mágico, seu pênis se endureceu ainda mais. Com um sorriso, ele destrancou e abriu a porta.

—Oi, eu não estava esperando você. — Casey balançou a cabeça, arrependido. —O que eu quis dizer foi que eu achei que você ia ligar. — Ele deu um passo atrás e deixou Hal entrar na sala.

—Sinto muito. — disse Hal, olhando ao redor. —Eu estava na cidade e pensei em aproveitar e lhe trazer o meu orçamento. — Entregou um pedaço de papel para Casey.

—Tenho que encontrar meus óculos. Você gostaria de se sentar? —Casey apontou para o sofá.

Olhando para baixo, Hal balançou a cabeça.

—Eu estou bem aqui. Eu não gostaria de sujar o tapete.

—Oh. — Casey estudou suas botas tão grandes. —Bem, se você esperar aqui, acredito que meus óculos estão no escritório.

Casey virou e foi para seu escritório. Acendendo a luz, ele pegou o seu reflexo na janela acima da sua secretária. Com seu cabelo despenteado, e seu pênis duro, ele parecia um idiota irresponsável. Rapidamente alisando o cabelo, ele olhou para o seu pênis mais uma vez. "Por favor, não agora".

Encontrou os óculos, os colocou, e estudou a oferta. Ele estava um pouco chocado com o preço. O custo era maior do que ele esperava, mas Casey sabia que ele não tinha muita escolha. Hal era o único empreiteiro na área e, aparentemente, ele sabia que tinha Casey na palma das mãos. A imagem pouco fez para conter sua lascívia.

Caminhando de volta para a sala, Casey estudou a oferta um pouco mais. Quando olhou para cima, ele pegou Hal olhando pra ele de cima a baixo com aparente apreciação. Casey mentalmente se deu um incentivo, sim, eu agora o tenho. Agora, a questão era como convencê-lo a compartilhar isso?

Ele parou na frente de Hal e apontou para o orçamento.

—Eu vou ser honesto. É um pouco mais caro do que eu pensava.

Com um leve sacudir de cabeça, Hal apontou para o papel.

—Uma boa parte da carga de trabalho é por causa do prazo. Se você quiser a maior parte do edifício concluído até a véspera de Natal, eu vou trabalhar em um monte de horas extras.

Casey coçou a cabeça.



—Se eu concordar em ajudar o máximo que posso durante o dia, você pode abater algumas destas horas? Quer dizer, eu não sei nada sobre encanamento ou fiação, mas posso buscar e levar o material. Certamente, alguma ajuda no trabalho, deve acelerar as coisas um pouco?

—Eu costumo trabalhar sozinho. — disse Hal, sua voz ficando um pouco rude.

Tirando os óculos com frustração, Casey esfregou os olhos.

—Então, você está me dizendo que não, que o orçamento ficara como está?

Hal não disse nada por um longo momento.

—Adivinho que podemos tentá-lo, mas não posso fazer promessas de que funcionará. Farei uma lista das horas que trabalharei na obra e farei os cálculos no fim do projeto. Isto é o melhor posso fazer. Aceita ou não?

Casey estendeu a mão, e esperou pela de Hal.

—Fechado. — disse ele depois que Hal sacudiu sua mão.

Casey notou que o aperto de Hal não estava tão firme neste momento. Será que isso queria dizer que para ele Casey era fraco demais para lidar com um real aperto de mão?

Bem, ele lhe mostraria. Casey seria o melhor maldito ajudante que ele já teve.

—Quando você pode começar?

Hal largou a mão de Casey.

—Amanhã as seis.

Seis da manhã? Uau, bem, ele podia fazer isso.

—Eu vou estar pronto.

Na manhã após o primeiro dia de trabalho, Casey derramou café em uma garrafa térmica. Cada músculo em seu corpo estava ferido, e suas mãos estavam um lixo. Como é que as pessoas fazem esse tipo de trabalho diariamente? Pelo menos ele tinha sido inteligente o suficiente para colocar três camadas de roupa. Trabalhando com seu casaco mais pesado. Ele tinha percebido que Hal usava um colete térmico de esqui, talvez ele devesse comprar um?

Um olhar para o relógio mostrou que era hora de ir para a igreja. Casey colocou seu casaco e enfiou a garrafa térmica debaixo do braço antes de abrir a porta. Ainda estava escuro lá fora. Que ser humano razoável se voluntariava, para começar a trabalhar às seis horas da manhã?

Olhando o caminhão de Hal próximo à obra, Casey sabia exatamente que tipo de homem. Ele teve de lembrar a Hal três vezes no dia anterior que ele deveria parar para o almoço. Hal era como uma espécie de robô. Ele muito raramente falava, e quando o fazia, ele só parecia despejar ordens. Casey teve de lembrar-se várias vezes ele estava trabalhando para o bem da Igreja.

Abrindo a porta lateral, Casey tirou o casaco e colocou a garrafa térmica sobre a sua mesa de trabalho.

—Bom dia. — disse ele a Hal gritando para toda a sala.

Hal grunhiu uma resposta que Casey tomou por bom dia.

—Eu trouxe um pouco de café quente, se você quiser uma caneca.

Colocando o rolo de fita adesiva em uma das bolsas de ferramentas em seu cinto, Hal se voltou. Sem reconhecer o que Casey tinha falado, Hal colocou o lápis atrás da orelha e caminhou em sua direção.

Depois de cavar por alguns segundos em sua caixa de ferramentas, Hal tirou um par de luvas de couro.

—Eu vi suas mãos ontem e achei que você poderia usar estas. —Ele entregou as luvas para Casey.

—Obrigado. Gostaria de um pouco de café? — Casey perguntou, segurando a garrafa térmica.

—Claro. — disse Hal.

Casey derramou a bebida aromática na tampa térmica e entregou-a Hal.

—É forte, espero que goste dessa maneira.

—Pode ser. — disse Hal, sorvendo a sua bebida. Ele se virou e voltou ao trabalho. Casey olhou para a garrafa térmica e percebeu que não havia trazido outro copo. Droga, ele teria que voltar até a casa. —Eu esqueci uma coisa, mas eu vou demorar apenas um minuto. — gritou, colocando seu casaco de volta.

Ao marchar através do estacionamento frio, Casey se perguntou se ele nunca romperia o comportamento frio de Hal. E afinal, por que ele se importava? Sim, o homem era quente, mas ele conseguiria tratar um namorado com respeito? Wow, espere um minuto. Quem falou em fazer de Hal seu namorado?

Depois de pegar outro copo do armário, Casey fez mais uma vez a longa viagem de volta. Ao pisar no interior do prédio, seu olhar imediatamente se fechou em Hal. Ele estava debruçado sobre a mesa de trabalho escrevendo notas sobre as plantas. Tinha tirado o seu colete e arregaçado as mangas. Braços bonitos. Casey viu como os tendões se moviam com cada movimento do seu lápis. Ele sentiu seu pênis começar a endurecer.

Desviando os olhos, Casey tirou o casaco. Quando ele finalmente conseguiu seu primeiro gole de café, ele gemeu.

Hal levantou a cabeça.

—Você disse alguma coisa?

—Não, desculpe. — Casey ergueu a caneca. —É apenas o meu primeiro café desta manhã e me fez gemer. — Hal olhou para baixo, e Casey soube que ele o estava verificando. Droga, se não tivesse ficado completamente congelado, Casey teria gozado com um olhar como aquele.

—Então o que você quer que eu faça por você? — Casey perguntou, rapidamente terminando seu café.

—Vou começar a fiação. Você acha que pode começar a trazer os carretéis de sua garagem? — Hal disse como lápis preso entre os dentes e esperou.

—Claro, já volto. — disse Casey, suspirando no interior. Por que ele se deu ao trabalho de tirar o casaco não sabia. —Você quer todo o material elétrico? — Casey sabia que havia muito mais material da fiação elétrica, além dos carretéis de fios.

—Sim. — disse Hal em torno de seu lápis. Ele voltou a olhar para as plantas, ao que parecia deixando Casey de lado.

Esse ia ser um longo dia, Casey pensava enquanto agarrava seu casaco.

Na hora do almoço, Casey tinha trazido, não apenas os materiais elétricos, mas também os materiais para o encanamento.

Sabendo que o tempo não ia ficar melhor, ele decidiu se torturar apenas uma vez nessa semana. Colocando o último dos tubos de PVC no chão, Casey se voltou para Hal.

—Tenho uma reunião em uma hora na igreja, assim eu vou sair e tomar um banho rápido.

Sem se virar, ou falar, Hal acenou um adeus. Casey balançou a cabeça e revirou os olhos. Parando para recuperar a garrafa térmica vazia, ele saiu pela porta. Ao andar até sua casa Casey discutia sua atração por Hal com sua libido.

Logo que Casey saiu pela porta, Hal suspirou.

—Isso vai me matar. — disse ele para a parede. Tinha feito o seu melhor para manter Casey fora de sua linha de visão pelos dois dias anteriores, mas apenas de saber que ele estava na sala, exercer sua força de vontade estava dando trabalho. Ele se sentiu mal por fazê-lo carregar tudo desde a garagem, mas Hal estava no fim de suas forças.

Lembrou-se do primeiro dia que ele tinha visto Casey Sharp. Ele estava na oficina de Gill quando o homem tinha entrado no posto de gasolina, parando para usar uma bomba fora da janela em que estava. Gill tinha imediatamente dado a informação que o cara era novo na cidade. Ele estava definitivamente interessado até que Gill falou que Casey era o novo reverendo da cidade.

Mal sabia ele, que estaria trabalhando para Casey em menos de um mês. Foi duro o suficiente o ignorar quando o viu da janela de Gill pela primeira vez, mas agora era impossível. O toque do seu telefone celular o tirou de sua miséria. O soltando da cintura, Hal viu que era Gill.

—Ei. — ele respondeu.

—Ei, você quer vir assistir ao jogo mais tarde? — A voz profunda de Gill perguntou.

—Claro, melhor do que sentar em minha casa sentindo pena de mim mesmo.

—O garoto de novo? — Gill riu.

—Ele não é um garoto. Eu imagino que ele está na casa dos trinta. Casey parece jovem. — Hal olhou para fora da janela em direção à casa de Casey.

—Deve ser por todos os seres vivos que ele ajuda. — Gill provocou.

—Nem me lembre. Você ira me alimentar, também?

—Claro, eu vou fazer alguma coisa.

—Ok, deixe-me desligar o telefone para que eu possa terminar este trabalho e sair daqui. — Hal começou a desligar quando ouviu Gill rindo, diabos. Apertando o botão desligar, Hal colocou o telefone de volta a cintura e começou a trabalhar. Se as visões de Casey no chuveiro da casa ao lado, aconteciam de fluir por sua mente, enquanto ele trabalhava, quem poderia culpá-lo?

Ao colocar o pacote de doze cervejas que ele trouxe, na geladeira de Gill, Hal abriu a caixa e pegou uma.

—Você quer uma? — perguntou.

—Elas estão geladas?

—Elas estavam no meu caminhão desde o almoço. O que você acha? — Disse Hal, jogando a Gill uma lata.



—Porra, esta noite alguém esta rabugento. — Gill mexeu o que parecia ser uma grande panela de chilli.

—É Casey. Ele está me deixando louco. — Hal tomou sua cerveja e sentou em um dos banquinhos no centro da cozinha. Tomando um gole grande, ele balançou a cabeça.

—Só porque você tem algo contra namorar um homem religioso, não desconte em mim. — Gill abriu a cerveja e apoiou os antebraços no balcão. —Eu sei que você tem algo contra a religião, mas o que é que sair com ele tem a ver com isso?

—Ele é um reverendo. Ele não vai querer uma transa rápida, uma vez ou duas? Ele é o tipo de cara que vai esperar fidelidade e felizes para sempre. — Hal correu os dedos pelos cabelos curtos castanhos. —Eu não faço essas coisas.

—Você traiu alguém antes? — Gill perguntou, parecendo chocado.

—Ainda não, mas isso não quer dizer que não vou fazer no futuro. Além disso, sobre o que falaríamos? Como você mantém o assunto da fé longe da conversa com um maldito reverendo?

—Você, meu amigo, é um enigma. — Gill riu. Ele rasgou uma toalha de papel do rolo e limpou a careca brilhante.

Hal olhou para o amigo, tentando descobrir por que não havia atração aparente entre os dois. Droga Gill era um homem de boa aparência. Não era todo dia que Hal encontrava alguém mais alto do que ele, mas Gill era uns bons dez centímetros mais alto.

—O que? — Gill perguntou.

—Por que nós nunca ficamos juntos?

—Uh, porque somos amigos e ambos já temos os olhos postos em alguém. Além disso, você gosta de ser dominante, e em nenhum caminho do inferno alguém vai me dominar. — Gill deu uma piscada a Hall e foi mexer seu chilli novamente.

Hal sorriu com o pensamento de alguém tentar dominar Gill. Somente o pensamento de fazer isso com Casey deixava o pênis de Hall duro como nunca.

—Obrigado. — disse ele olhando para Gill. —Eu pensei que com certeza eu seria capaz de passar uma noite sem ficar duro.

Gill se virou e pôs as mãos para cima.

—Não olhe para mim, homem. De fato, não vou impedi-lo. Vá ao banheiro e cuide dele ou algo assim. Eu serei amaldiçoado se eu assistir ao jogo com você e sua ereção.

—Eu não acho que será necessário. Vou tentar me controlar em torno desse seu grande corpo lindo. — Hal provocou.

—Ah, agora você está apenas pedindo um pé no traseiro. Se levante e vá arrumar a mesa. Seria bom se você me convidasse para a casa que você está tão orgulhoso, de vez em quando. Mas não, você sempre tem que vir aqui e devorar toda a minha comida.

Rindo, Hal pegou os pratos e talheres.

—Diga-me de novo porque somos amigos?

—Porque ninguém mais agüenta você. — Gill tirou o pano de prato do seu ombro e bateu no traseiro de Hall.

—Para sua informação, eu sempre convido você, mas você sempre se lamenta que seja muito longe para ir dirigindo. Além disso, eu não cozinho tão bem quanto você. —Hal pegou o queijo, o molho quente e vinagre e os colocou na mesa — Bolachas salgadas?

—Bolachas salgadas? — Gill perguntou como se ele estivesse louco. Revirando os olhos, Hal deu o seu prato para Gill encher. —Crackers, saltines, sabe aquelas coisas pequenas quadrado com sal que você coloca no chilli.

—Ah, na prateleira do armário, no fundo.

—Você sabe, algum dia, alguém vai ouvir você falar assim comigo e vão chegar à conclusão de que você não gosta muito de mim. — Hal pegou seu prato, antes de entregar outro a Gill. Gill o surpreendeu se inclinando e beijando a testa de Hal.

—Eles estariam errados. Agora, vamos comer.



Capítulo Três

—Wow!

—Você está bem? — Casey perguntou, caminhando para perto de Hal.

—Sim, eu não estava prestando atenção e entrou uma lasca no meu dedo. Vou viver. — Hal sugou a pele do polegar.

—Deixe-me ver. — Casey chegou mais perto, e estendeu a mão.

Hal balançou a cabeça.

—Não é nada. Eu vou tirar com o meu canivete na hora do almoço.

Casey revirou os olhos. Ser macho alfa era tão enfadonho.

—Não vou deixar você cavar qualquer coisa para fora com uma faca. Deixe-me ver, e eu pego minha pinça se for necessário.

Hal sorriu. Casey estava surpreso que o homem soubesse como fazer isso.

—Não vai desistir, né? — Hal provocou.

Suspirando, Casey salientou a mão estendida.

—Deixe-me ver.

A contragosto, Hal colocou a sua mão na de Casey. Encontrar a pequena lasca de madeira não foi difícil, mas parecia ser bastante profunda. Casey puxou a mão de Hal diretamente sob a luz.

—Vou correr até em casa e pegar algumas coisas. — Ele quis soltar a mão de Hal, mas seu corpo tinha outras idéias. Olhando para cima na luz dos olhos azuis de Hal, Casey parou de respirar. Mesmo sendo alto, Casey só chegava ao ombro de Hal. Seus lábios se sentiam como se estivessem em chamas com a necessidade de beijar o homem maior.

Hal começou a se inclinar para baixo, lábios entreabertos, quando seu celular tocou. Hal piscou e se soltou, pegando seu telefone em um movimento fluido.

—Hal.

Casey engoliu o seu pesar e caminhou para recuperar seu casaco. Ele não sabia o que sentir. Por um lado, Hal parecia queria realmente beijá-lo, mas por outro lado, ele deixou um simples telefonema ser uma interrupção sem um segundo pensamento.

No momento em que ele voltou, Hal estava desligando o telefone. Colocando o kit de primeiros socorros na mesa de trabalho, Casey esperou.

Hal falou.

—Esse era o cara do aquecimento. Ele estará aqui amanhã para instalar o encanamento. Teremos calor aqui dentro, antes que você perceba. Claro que não será econômico ligar até termos o isolamento instalado.

Olhando para cima, Casey notou a maneira que a respiração de Hal era visível na sala congelada.

—Quanto tempo falta para isso?

Hal coçou o queixo e olhou em volta.

—Com dois de nós? Eu diria que deveríamos ser capazes de fazê-lo em dois dias. Então, até quinta-feira, deveríamos estar prontos para o aquecimento.

—Hum, você planeja trabalhar no dia de Ação de Graças? — Casey sabia que o homem era um robô, mas vamos lá. Quem não gostaria de passar um dia se empanturrando e cochilando no sofá.

—Ação de graças? Eu não tinha reparado. Acho que você irá para casa no feriado.

—Não, mas eu não quero trabalhar, e nem você deveria. Não tem algum parente ou amigo com quem você queira passar o dia? — Casey começou a esterilizar a agulha e pinça com álcool.

—Eu não tenho família grande, mas eu tenho amigos. — disse Hal rispidamente. Ele parecia ter se afastado e se fechado, como se o quase beijo nunca tivesse acontecido.

—Legal, então vamos começar de novo na sexta-feira. Como o Natal se aproxima, eu vou ter cada vez menos tempo para ajudar. Há um monte de preparação para a festa e serviços, bem como a atividade com as crianças ... — Casey parou de falar quando percebeu o rubor vermelho nas bochechas de Hal. —Desculpe. — ele disse e voltou a trabalhar sobre a lasca.

Depois mais alguns cutucões com a agulha, ele pode ver a lasca. Pegando a pinça, ele puxou a lasca de madeira para fora, e a manteve.

—Uau, esta é uma lasca assustadora.

—Obrigado. — disse Hal e tentou puxar a mão.

—Espere. Deixe-me derramar água oxigenada no lugar. — Casey pegou o frasco, e colocou um pouco sobre a ferida. Borbulhou por alguns segundos e depois parou. —Ok, você esta bem para ir. — disse Casey, largando a mão de Hal.

Hal se afastou, e voltou para terminar a divisória entre os banheiros. Casey pensou sobre o dia de Ação de Graças, e fechou os olhos. Talvez ele devesse ter ido para casa? Ele sabia que seria bem vindo na casa do Nate, mas era o primeiro Ação de Graças que o trio estariam juntos, e Casey não queria interromper isso.

Pegando a vassoura, ele começou a varrer a serragem em pilhas. Oh, bem, ele ainda podia fazer um peru e comemorar, mesmo sabendo que não seria a mesma coisa.

O Dia de Ação de Graças sugava. Bem, pelo menos no humor em que Casey estava. Ele fez um grande jantar, desistiu da mesa de jantar e terminou em frente à televisão, a comer na mesa do café.

Depois de lavar os pratos, ele olhou em torno de sua pequena casa a procura de algo para fazer. Ele nunca foi muito fã de futebol, e ele já tinha visto todos os filmes estavam passando. Ele tinha ligado para sua mãe antes, o que o tinha feito se sentir pior. Andando de sala em sala, ele decidiu chamar Nate. Pegando o telefone, ele discou o numero, enquanto continuou a vagar.

—Olá?

—Oi, aqui é Casey. Eu pensei em chamar para dar a todos um Feliz Dia de Ação de Graças. — Casey podia ouvir Rio e Ryan gritando no fundo sobre o jogo de futebol. Sim, a casa de seus pais estaria exatamente assim, exceto que na casa de Nate não tinha crianças correndo pela sala.

—Ei, cara. Como esta o seu dia? — Nate perguntou.

—Ok, fiz uma grande refeição, tenho toneladas de sobras. — Casey se sentou no sofá.

—Acho que um homem grande como Hal realmente seria capaz de comê-las.



—Oh, não, eu estou só. Acho que Hal esta jantando com um amigo. — Casey pegou no remendo desgastado da calça jeans.

—Sério? Tanto quanto eu sei, o único amigo de Hal além de você é Gill, e eu sei de fato que ele esta no Tennessee.

Casey sentiu uma sacudida no estômago. Era possível que Hall estivesse tão solitário como ele estava? Nate fez um som que soava muito parecido com um gemido abafado. Casey só podia adivinhar, mas ele assumiu que devia ser o intervalo comercial.

—Bem, eu vou desligar. Vou chamar a próxima semana, e podemos almoçar.

—Isso me parece bom, até Casey. — Nate desligou antes que Casey pudesse dizer outra coisa. Colocando o telefone sobre a mesa, ele esfregou os olhos.

Ele estava preocupado por Hal estar sozinho, ou ele apenas estava usando isso como uma desculpa para vê-lo?

Enquanto pensava, Casey se levantou e foi até a cozinha. Olhando para o monte de comida, Casey decidiu levar algumas sobras para Hal. Ele desejava saber se Hal tinha cozinhado para ele mesmo. Ele sabia que o seu instinto o estava advertindo, mas em vez de ouvir ele se focou em obter grandes porções de comida embaladas, grandes o suficiente para um homem do tamanho de Hal.

Quarenta minutos depois, Casey olhou para o pedaço de papel na mão, em seguida, de volta para a caixa de correio.

—Uau, Sr. Kuckleman, quem diria que você morasse em um chalé? — Dirigir em estradas ruins com seu Honda era uma coisa, mas o carro velho definitivamente batalhava para chegar à entrada de automóveis de Hal. Não admira que o homem tenha uma grande pick-up com tração nas quatro rodas.

Casey se encolheu quando o chassi raspou repetidamente a neve. Com um movimento rápido, estúpido, Casey atolou. Depois de tentar várias vezes tirar o carro, ele balançou a cabeça.

—Ótimo. O final perfeito para um dia ruim.

A casa não estava tão longe, talvez cento e cinquenta metros ou mais. Ele poderia andar até lá sem problema. Acendendo a luz do carro, ele enfiou a mão no bolso para pegar suas luvas, e notou que estava vazio. Tentando uma vez mais como se elas tivessem aparecido magicamente, Casey ainda veio com nada. Ele pensou em quando as tinha guardado e lembrou-se de tê-las colocado para secar próximo ao aquecimento. Casey suspirou e pegou o cachecol e a caixa grande de alimentos. Tão logo Casey abriu a porta o vento soprou parecendo sugar o ar quente para fora dele. Ajustando o cachecol para cobrir o rosto, Casey segurou o caixa e partiu para a casa.

Até o momento em que ele chegou à porta da frente, ele estava dormente. Dizendo um breve pedido de desculpas, ele chutou a porta com a ponta da bota em vez de bater. Ele tinha certeza de que seus dedos se romperiam se ele tentasse. Poucos segundos depois, ele bateu na porta novamente apenas para se certificar de que Hal tinha ouvido. Finalmente, ele viu o grande homem se levantar do sofá e caminhar até a porta com um olhar interrogativo. Foi fácil para Casey para ver Hall através do vidro da porta de madeira, mas sem luzes acesas, estava certo que iria surpreender Hal. Ao andar até a porta, Hal estendeu a mão e apertou o interruptor. O pórtico se inundou de luz, e Casey estremeceu.



A porta se abriu de imediato, e Hal estava diante dele, sem camisa. Oh, Deus, por favor, me ajude a me controlar.

—Casey? O que você está fazendo aqui? — Hal passou a mão pelos cabelos castanhos.

Batendo os dentes, Casey olhou para a caixa.

—Se-se im-importa se-se eu en-entrar?

—Oh, merda, desculpe. — Hal recuou e Casey entrou. A casa estava tão quente como o útero de uma mãe, e Casey, de repente sentiu vontade de chorar. Vendo Hal como estava todo descontraído e aconchegante, derreteu seu coração. Ele estendeu a caixa de comida para ele, e Hal pegou e olhou para dentro. —O que é isto?

Casey tentou falar, mas os dentes batiam tanto que ele não conseguia. Hal rapidamente entendeu a sua situação.

—O que aconteceu? Será que o aquecedor do seu carro parou de funcionar?

Balançando a cabeça, tirou o cachecol.

—A-Atolei o-o ca-carro.

Hal olhou para fora da porta.

—Aonde foi, lá embaixo?

Ao aceno de Casey, Hal colocou a caixa no chão e ajudou Casey a sair de seu casaco.

—Onde estão as suas luvas? — ele perguntou, olhando para as mãos congeladas de Casey. O olhar no rosto de Hal derreteu seu coração ainda mais.

Havia uma preocupação genuína lá. Talvez ele não fosse o único a ter sentimentos?

—Em ca-casa sobre o aquecimento, secando.

Hal apontou para um pequeno banco ao lado da porta.

—Sente-se e me deixe tirar suas botas.

Na seqüência de comando de Hal, Casey sentou e segurou o pé para fora. De joelhos na frente dele, Hal puxou as botas de neve.

—Venha comigo e se aqueça ao lado do fogo. — Hal puxou Casey para cima e o ajudou pela sala de estar com um braço forte em torno de seu torso. Casey soube imediatamente que ele estava certo. Amigos não seguravam uns aos outros apertados contra eles, mesmo se eles estivessem semi-congelados.

—Nossa sala grande. — Casey murmurou quando ele se sentou na lareira de pedra. O calor em suas costas era maravilhoso, o descongelava ainda mais. —Eu sinto muito sobre isso. Eu apenas pensei em lhe trazer algumas sobras. Mesmo estando sozinho, eu resolvi fazer um jantar completo. De alguma maneira eu não compreendi quanta comida eu teria no final.

Recuperando um cobertor na parte de trás do sofá, Hal se ajoelhou ao lado de Casey e o colocou no seu ombro. A ação os colocou muito próximos e o peito de Casey se apertou.

Hal olhou nos olhos de Casey, e não recuou.

—Você me trouxe o jantar de Ação de Graças?

—É a sobremesa. Eu não sei se você prefere doce de abóbora ou pecan, então eu trouxe um pouco de cada um. — ele disse, olhando nos olhos de Hal. Estando próximo, Casey podia sentir o cheiro almiscarado da pele de Hal. Ele sabia que era uma mistura de colônia e fumaça de lenha, mas parecia puro Hal. Casey se inclinou e elevou a cabeça, os lábios resvalando em toda a barba do queixo de Hal.



Quando Hal ainda assim não se afastou, Casey continuou com beijos leves e lambidas pelo pescoço do homem até sua mandíbula. Hal inclinou a cabeça para trás para dar a Casey melhor acesso e soltou um fraco gemido. Casey não tinha certeza se era ele ou Hal, mas isso não pareceu importar.

A pele debaixo de sua língua era salgada quando Casey viajou da mandíbula de Hal e encontrou seus lábios. Com sua boca equilibrada, Casey sussurrou.

—Me beije. — Ele viu a faísca de luxúria nos olhos de Hal pouco antes de seus lábios virem junto. Casey lambeu toda a costura, e Hal gemeu.

Movendo-se entre as coxas de Casey, Hal se abriu, e Casey enfiou a língua dentro da boca quente de Hal com profundidade. Oh Deus, isso era tão certo. Ele nunca seria capaz de explicar, mas Casey soube naquele momento, que ele estava apaixonado pelo ranzinza empreiteiro.

Eles pareciam se devorar um ao outro. Casey tentava chegar mais perto, quando as mãos de Hal pousaram em seu traseiro.

Sem quebrar o beijo, Hal pegou Casey e o levou para o divã. Logo que Hal se estendeu sobre ele, Casey começou a se mover, sentindo a dureza abaixo de sua roupa, o homem maior se esfregava contra ele. Oh, Uau. Hal se sentia bem.

As mãos de Casey encontraram o seu caminho sob o elástico na cintura e foram para o traseiro de Hal. Quebrando o beijo, ele o agarrou com força e puxou.

—Vou gozar. — lamentou.

Hal se levantou o suficiente para abrir o fecho de Casey, e o seu pênis foi tomado pelo pulso firme.

Casey se colocou para o lado o suficiente para ter acesso à ereção de Hal. Ao mover a sua mão do traseiro de Hal ao seu espesso pênis, teve ambos gemendo.

Pressionar o polegar contra a fenda larga da coroa de Hal foi o suficiente para fazer o grande homem gozar. Casey ordenhou o pênis de Hal, quando ele caiu sobre a borda em êxtase. E, —Oh meu Deus. — que felicidade. Casey não tinha percebido ter dito essas palavras em voz alta até que Hal balançou a cabeça e rapidamente se afastou.

—Sinto muito. — Hal ofegou. —Eu não posso fazer isso, não com você.

—Uh ... Eu acho que você acabou de fazer. — disse Casey. Ele não conseguia entender o que estava errado. —Eu fiz alguma coisa? — Não, não, isso não poderia estar acontecendo. Eles juntos, parecia tão certo, caramba.

Hal levantou do sofá e caminhou em direção à lareira, puxando suas roupas enquanto o fazia.

—Eu gosto de você, Casey, muito, mas não posso me envolver com você. Nós somos muito diferentes. Nossas crenças iriam ficar no caminho, e um de nós iria acabar mal.

Sem se preocupar em colocar seu pênis de volta no seu jeans, Casey se sentou. Ele não sabia se ele estava chateado ou magoado, mas seu estômago começou lhe dar câimbras, as palavras de rejeição penetrando até os ossos.

—Então, o que faremos agora? — Ele se admirou de ter conseguido perguntar. Algo lhe disse que qualquer coisa o faria feliz, se isso significasse estar perto de Hal novamente.

Hal se voltou para ele, e Casey viu o flash momentâneo de calor quando Hal percebeu o pênis de Casey descoberto.

—Vou me vestir e desatolar o seu carro. Eu vou entender se você quiser encontrar um novo empreiteiro.

—Não, não há ninguém além de você. Eu não sei como vou fazer isso, mas eu vou me controlar. Eu sou mais forte do que você pensa. — Casey não tinha certeza se ele estava tentando convencer a Hal ou a si mesmo.

Trinta minutos depois, a caminhonete de Hal teve sucesso em puxar o Honda de Casey para fora do buraco. Antes de Casey poder se virar e sair, Hal caminhou em sua direção. Droga, por favor, não agora. Só me deixe correr para casa com o rabo entre as pernas. Casey abriu a janela e olhou para cima.

—Sim?

—Eu vou esperar você fazer o contorno e voltar para a estrada, apenas por precaução. — Casey deu um aceno curto e começou a fechar sua janela. Hal colocou a mão no topo da janela, chamando a sua atenção. —Me desculpe. Eu gostaria que não tivesse que ser desta maneira.

De repente, toda a confusão e a dor saíram.

—Diga-me. — Casey indagou. —Você odeia a Deus ou apenas aqueles que rezam para ele? —Ele viu o rubor deixar vermelha as bochechas de Hal, e ele sabia que tinha acertado. Hal estava zangado com Deus.

Saindo de sua janela, Hal não disse nada, mas ele recuou. Casey acabou de fechar a janela e colocou o carro em marcha. Ele não tinha certeza do que havia acontecido entre Deus e Hal, mas ele esperava que houvesse espaço suficiente para o perdão, porque ele sabia que não queria viver sem nenhum deles.

Hal assistiu a traseira de Casey desaparecer na curva da estrada. Ele se virou e voltou para a sua caminhonete. Sentado na cabine climatizada, ele sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto.

—Ele me trouxe comida no dia de Ação de Graças. — Hal sussurrou.

Ao estacionar em sua garagem, ele não se incomodou em limpar seus olhos enquanto entrava em casa. Hal ficou em frente ao fogo e olhou em volta. Ele podia ainda ver a imagem de Casey esticado debaixo dele, envolto em seus braços. Hal se abraçou, quando se sentou em frente da lareira.

Durante semanas ele não tinha sido capaz de pensar em qualquer coisa, além de Casey. Ele tentou o seu melhor para manter a Casey longe, sabendo que nunca poderiam estar juntos. Mesmo parecendo como um imbecil era melhor do que se deixar levar por Casey. Não é que Hal não queria um relacionamento com ele, porque ele queria mais do que nunca quis nada em sua vida, mas suas crenças não mudariam e nem mudaria as de Casey.

Hal olhou para o teto abobadado.

—Mais uma vez você está me tirando alguém que eu amo. — Tão logo as palavras estavam fora de sua boca, Hal resmungou e balançou a cabeça. Não havia meio de ele estar apaixonado tão rápido, especialmente por um pregador. Era apenas a atração física que sentia tão fortemente. Ele ia acabar com isso, ele tinha que perder alguém que você ama, mas era muito difícil, e ele seria condenado antes de se colocar nesta posição novamente.

Capítulo Quatro

Fazia duas semanas desde o dia de Ação de Graças. Casey olhou para o teto, ele não conseguia dormir. Ele orava em todas as chances que tinha, fosse trabalhando ou descansando. Ele havia tomado o nome do Senhor em vão na noite de Ação de Graças e ainda não tinha chegado a um acordo com o seu pecado.

No momento em que ele chegou em casa naquela noite fatídica, ele estava sofrendo, e com raiva. Em vez de ir para a casa, ele destrancou a igreja e entrou. Ajoelhado em frente ao altar, ele pediu a Deus por isso. O que ele tinha feito, para fazer um bom homem, como Hal lhe virar as costas?

Quanto mais tempo ele procurou por respostas, mais furioso ele se tornou.

—Droga Deus, por que não posso ter ambos. — gritou para cruz de bronze sobre o altar.

Casey se envergonhava sobre o que ele tinha feito desde então. Só de pensar nisso agora o seu estômago lhe dava câibras. Ele parecia estar tendo muito isso ultimamente. Olhando o relógio, viu que era quase hora do alarme tocar, mais um dia de trabalho ao lado de um fantasma.

Enquanto as lágrimas caíam por seu rosto, Casey continuava a questionar a sua vocação. Ele amava Deus, mas ele estava começando a querer saber o quanto, porque no escuro da noite, ele pensava em trocar tudo por Hal.

Casey se sentou na cama e esfregou os olhos. E a cada dia que o sol nascia, ele lembrava porque ele tinha escolhido o seu trabalho. Decidido, a começar cedo, Casey desligou o alarme. Segurando seu abdômen, ele andou pelo chão gelado até o chuveiro. Se ele se apressasse, ele poderia ter trinta minutos de oração antes de sua jornada de trabalho começar.

—Ei estranho. — disse Nate, fechando a porta.

Casey esperou até Hal pegar alguns pregos para fixar o gesso e andou até Nate.

Casey estendeu a mão, mas como ele sempre fazia, Nate ignorou, e o puxou para um abraço.

—Eu senti saudades de você. — disse Nate, batendo em Casey nas costas. —Por que você não retorna minhas chamadas? — Nate puxado para trás e olhou para ele. —O que há de errado?

—Nada, eu só estou ocupado deixando a igreja pronta para o Natal. — Casey sentiu uma outra mordida da dor em seu estômago com a mentira. O que estava errado com ele? Como ele poderia ter perdido o seu caminho em uma noite?

—Mentiroso. — disse Nate com um meio sorriso. —Você perdeu peso, você não liga, e pelas bolsas sob seus olhos, eu diria que você não dorme. — Nate parou de repente, e olhou por cima do ombro de Casey para Hal. —Ele fez algo a você? — Nate sussurrou.

Casey viu a mandíbula de Nate se cerrar. Não querendo dizer uma mentira, mesmo parcial, Casey apenas balançou a cabeça.

—Não é nada, realmente.

—Hal, eu vou seqüestrar seu ajudante por uma hora, você vai ter que ficar sem ele. — Pegando o casaco de Casey, Nate o puxou em direção a porta. —Eu quero que você veja a academia.

—Esta pronta? — Casey perguntou, enquanto entrava no SUV de Nate.

—Não completamente, mas está quase lá. — Nate saiu, fora do estacionamento e dirigiu para o Joshua Boulevard. —Você quer me contar?

Casey continuou a olhar pela janela do passageiro, dando a Nate uma leve sacudida de cabeça. Eles ficaram em silêncio por alguns minutos antes de Nate parar na frente da academia.

—Aqui estamos. — disse Nate, saindo e caminhando em direção à porta.

Seguindo Nate, Casey sentiu que precisava vomitar. Assim que eles entraram, ele se desculpou e foi imediatamente para o banheiro. Mal entrou no banheiro, Casey caiu de joelhos. Ele sabia o que ia acontecer, mas ele não tinha muito no estômago para vomitar. Nada no estômago, além de ácido e o que parecia borra de café.

Casey estava limpando a boca quando Nate entrou no banheiro.

—Você está bem? — Casey fechou o banheiro. —Eu acho que eu posso estar com gripe ou algo assim. Vou ficar bem em alguns minutos. Só me deixe lavar meu rosto, e eu sairei.

—Tudo bem, cara. Chame-me se você precisar de alguma coisa. — Nate saiu, e Casey pegou a água em sua mão para enxaguar sua boca. Ele não tinha tempo para ficar doente. Havia ainda um milhão de coisas para serem feitas. Secando seu rosto, ele percebeu quão magro ele estava e balançou a cabeça. —Não admira que Hal não me quer. — Ele ajeitou a roupa e tentou colocar um sorriso no rosto quando ele se virou para a porta. Talvez se ele agisse como se nada estivesse errado, ninguém poderia adivinhar que o seu coração estava quebrado.

—Me desculpe por isto. — disse Casey, se juntando a Nate. Ele olhou ao redor para os novos equipamentos e paredes pintadas de azul. —O lugar está ótimo. Quando você abrirá?

—Janeiro, mas eu não quero falar sobre isso. O que está acontecendo com você? — Nate perguntou, colocando as mãos no rosto de Casey.

O simples toque amigável derrubou o já frágil estado emocional de Casey sobre a borda. Sentiu suas lágrimas caírem e balançou a cabeça. Nate o puxou para um abraço, e todos os medos de Casey se derramaram para fora.

—Estou apaixonado por Hal, mas ele não me quer por causa da igreja. — Casey balançou a cabeça e apertou Nate para trás, tentando se prender a realidade. —Pensei em desistir da igreja por ele. — Casey se recostou e olhou nos olhos de Nate. —Que espécie de reverendo isto me faz, quando eu estou pronto para jogar fora a minha fé por um homem? Eu abjurei a Deus, na igreja. E desde esse dia tenho orado para ser perdoado, mas até agora, nada parece mais claro. Eu não sei o que fazer. Eu tentei estar mais perto de Hal, mas não está funcionando. Ele trabalha ao meu lado, mas eu não tenho certeza se ele ainda me vê. Por que eu iria comprometer a minha fé por alguém assim?

Nate sentou Casey sobre um tamborete ao lado do balcão de sucos. Ele não disse nada por alguns minutos.

Em vez disso, Nate balançou Casey para frente e para trás, o deixando colocar tudo para fora. Uma vez que o pior das lágrimas tinha passado, Nate deu sua opinião.



—Eu gostaria de poder dizer o que fazer. É óbvio que o estresse está fazendo você ficar doente, mas infelizmente parece que o verdadeiro problema é entre você e Deus.

—Sim. — suspirou Casey. —Hal está testando a minha relação com minha fé.

—Talvez, ou talvez você esteja usando Hal como uma desculpa. — Rio, disse, chegando e colocando a mão no ombro de Casey. —O que você precisa fazer é descobrir onde você estava com Deus antes de Hal aparecer.

Casey se endureceu.

—Eu não sei sobre o que você está falando. Eu sou o líder de uma congregação. Como eu poderia fazer isso se eu questionasse as minhas crenças?

—Talvez não tanto a sua fé, mas você está questionando a sua vocação. Você mesmo disse que a congregação, e as outras pessoas da cidade parecem mantê-lo afastado. Eu sei que esta é a primeira igreja que você assumiu. Talvez você esteja desiludido. —Nate deu um beijo na testa de Casey. —Talvez o problema seja a cidade e não você?

—O que você quer dizer? — Casey queria acreditar que havia um outro motivo sua própria congregação parecer diminuir um pouco mais a cada domingo.

Nate pigarreou.

—Talvez a cidade esteja desiludida. Brian Doles era muito respeitado em Cattle Valley. As pessoas teriam feito qualquer coisa por ele, mas olhe o que aconteceu. Nas suas mentes ele era bom e verdadeiro e acabou por ser um monstro.

—É muita coisa para pensar. — disse Casey, esfregando os olhos doloridos. —Você se importaria de me levar de volta para a igreja?

—Você promete comer um lanche? Você precisa cuidar melhor de si mesmo. — Nate caminhou ao lado Casey para a porta.

—Eu preciso consertar o interior, antes que eu possa me preocupar com o exterior. — Casey murmurou. Ele se sentia mais perdido do que ele estava antes, porem Rio estava certo, isso realmente não tinha nada a ver com o seu amor por Hal.

Depois de um par de horas e nada de Casey voltar, Hal começou a se preocupar. Casey sabia que eles precisavam colocar o gesso no teto, e não era algo que Hal pudesse fazer sozinho. Ele olhou pela janela para ver se seu carro ainda estava no estacionamento. Sim, o que significava que ele estava em casa ou ainda estava com Nate. Sua mandíbula se apertou com o pensamento de Casey ainda estar com o encantador e de boa aparência Nate. Hal sabia que Casey estava magoado. Era evidente toda vez que ele pegava Casey o olhando enquanto eles trabalhavam. Ele desejava poder dizer a Casey, que ele também estava sofrendo, mas era melhor assim. Um rompimento seria mais fácil para os dois.

Soltando o seu telefone, ele chamou Casey em casa. Depois de quatro toques, a secretária eletrônica atendeu, e Hal desligou. Esfregando a teclado do telefone, Hal pensava se ele devia ligar para a Academia.

Será que ele ia parecer um intruso?

Ele não pensava em mais nada além de Casey desde o dia de Ação de Graças. Desejando que ele pudesse acabar com sua ira de trinta anos, mas sabendo que esta havia se tornado uma parte dele, ele estava perdido sem saber como deixá-la ir.

Balançando sua cabeça, Hal chamou o auxílio a lista. Depois de obter o número, ele prendeu a respiração e chamou Nate.



—Academia. — respondeu uma voz profunda. Deve ser Rio, Hal pensou. —Quem fala é Hal. Eu preciso falar com Casey. Nós temos um monte de gesso para instalar, e eu me perguntava quando ele estaria de volta?

—Hum, Nate levou Casey para a igreja a mais de uma hora atrás.

—Oh, eu não o vi. — disse Hal.

—Sei que ele não estava se sentindo bem, talvez ele ido para a cama pelo resto do dia.

—Sim, talvez. Ok, muito obrigado. — Hal desligou, e chamou o telefone de Casey novamente. Quando ele ainda não obteve uma resposta, ele começou realmente a se preocupar e decidiu verificar a igreja. Enquanto caminhava em direção a porta de ligação, Hal esperava que ele não estourasse em chamas, logo que ele entrasse no santuário.

Tomando uma respiração profunda, Hal entrou na igreja.

—Casey? — Hal chamou em um tom respeitoso. Olhou em torno do grande espaço aberto, sem encontrar nada. Virou-se, pronto para fazer uma retirada apressada, quando ouviu algo que vinha da frente da igreja. Tinha que ser Casey, mas ele não conseguiu descobrir que som era. Quando ele entrou no vestíbulo, ouviu-o novamente. Prestando atenção, Hal determinou que fosse proveniente do banheiro dos homens.

—Casey? — Chamou Hal, abrindo a porta. Ele viu o movimento em uma das cabines. —Você está doente? — Depois outro som de vômito, sua pergunta foi respondida. Molhando um papel toalha, Hal abriu a porta da cabine no momento em que Casey se levantava.

—Eu estou bem. — Casey se virou, e Hal quase perdeu seu almoço.

—O inferno que você esta. — Hal trouxe a toalha molhada para enfrentar Casey e limpou o sangue que manchava seu rosto. —Tenho de levá-lo à clínica. — disse ele, passando a Casey a toalha.

—Não. — disse Casey, sacudindo a cabeça. —Eu só preciso ir para a cama.

Hal sentiu seu rosto pálido. Não, ele não iria passar por isso novamente. Sem uma palavra, ele estendeu a mão e pegou Casey. Embalando o homem menor em seus braços, ele caminhou em direção à porta.

Quando Casey viu Hal se dirigindo para caminhão tentou escapar.

—Pare, basta me colocar na cama, e eu vou estar bem.

—Eu sei que você não é tão estúpido assim. Deus não vai curar esse problema. — Assim que ele disse isso, Hal quis pegar de volta.

—Eu não gosto de hospitais. — Casey continuou a se contorcer.

Levou toda a força de Hal manter Casey fora do chão.

—É uma clínica. Faça a minha vontade.

Casey começou a tossir e Hal olhou para baixo. A mão de Casey e a frente da camisa de Hal estavam salpicadas com gotas de sangue. Ele só olhou para Casey e abriu a porta do caminhão. Colocando o cinto, Hal correu e saltou no caminhão antes que Casey pudesse escapar.

Ligando o caminhão, Hal o olhou. Casey tinha a mão na maçaneta da porta se preparando para saltar.

—Não! — Hal gritou. —Eu não vou perder alguém que eu amo porque ele não procurou a ajuda que precisa. — Ele tentou passar através de Casey para fechar a porta, mas assim

que homem menor enfiou a cabeça para fora ele vomitou novamente. Saltando, Hal correu para lhe dar algum apoio.

Tirando o lenço do bolso, ele tentou segurar Casey com um braço. Hal notou uma grande quantidade de ácido do estômago, mas apenas uma pequena quantidade de sangue. Depois que Casey parou, Hal o colocou de volta no lugar. —Sente e se segure.

Pulando no banco, ele girou para fora do estacionamento até a clínica em Main Street. Não foi até depois que eles tinham levado Casey para a sala de exames que Hal teve a chance de respirar e pensar. Merda, ele tinha realmente dito a Casey que ele o amava? Talvez o seu homem estivesse tão mal que ele não se lembraria.

Uma coisa ele sabia, ele não podia apenas ficar sentado lá pensando. Ele pegou o telefone e ligou para seu melhor amigo.

—Gill. — a voz profunda respondeu.

—Você tem tempo para tomar conta de um amigo?

Capítulo Cinco

—Obrigado, Nate. — disse Hal, desligou a chamada e caminhou de volta para a sala de espera.

—O que ele disse? — Gill perguntou.

Hal respirou fundo e olhou ao redor da sala. A Clínica médica de Cattle Valley não estava configurado como um hospital, mas eles tinham um pequeno departamento de emergência com um médico de plantão. O Dr. Isaac Singer era por sorte o médico de plantão, quando ele tinha trazido Casey, Isaac veio direto de seu escritório para a porta.

Enquanto Hal estava sentado na sala de espera, Casey estava na sala fazendo uma endoscopia. Isaac queria transferir Casey para um hospital maior, mas Casey não tinha concordado, ele só queria ir para casa.

Após consultar um médico em Sheridan, Isaac tinha concordado em fazer o procedimento de emergência na clínica. Se eles pudessem parar o sangramento, Casey poderia ter alta no dia seguinte, ou em até três dias. Hal não podia imaginar como ele ficaria deitado em uma cama de emergência durante três dias.

Casey teria estado muito mais confortável em um hospital de verdade, mas por alguma razão, ele se recusou a ir.

—Você esta me ouvindo? — Gill perguntou, trazendo Hal fora de seus pensamentos.

Ele virou-se para o seu amigo, e suspirou.

—Nate disse que ele vomitou antes, quando ele estava na academia. — Hal correu os dedos pelos cabelos. —Parece que ele está sofrendo por minha causa, por causa da cidade, e por sua consciência.

—Eu entendo a sua parte, mas e quanto a cidade?

—Os moradores de Cattle Valley não têm sido muito receptivos ao seu mais novo residente. Um resquício de Brian Doles, Eu acredito. Nate disse que Casey esta questionando sua capacidade de liderar a congregação. —Hal não quis dizer a Gill que Casey estava pensando em desistir da igreja. Hal ainda não conseguia acreditar. Ninguém jamais o amou tanto assim. Inferno, ele tinha muito no que pensar. Mas, primeiro, ele precisava que a congregação de Casey o aceitasse. De jeito nenhum ele iria deixar o povo desta cidade pintar Casey com a mesma imagem do Reverendo Doles.

Hal estreitou os olhos.

—Você conhece alguém que faça parte do conselho da igreja?

—Alguns. — Gill respondeu. —Eu sei que o prefeito Madison, Shep Black e Asa Montgomery estão nele. Eu acho que talvez Pam Gleason, também.

—Eu vou sair e começar a fazer chamadas telefônicas. Chame-me no segundo em que Isaac apareça.

Ao aceno de Gill, Hal saiu para a calçada. Abrindo seu telefone ele começou a trabalhar.

Até o momento que ele pode ver Casey, tinha se passado oito horas. Hal parou aos pés da cama e olhou para o homem adormecido. Casey parecia tão frágil. O Dr. Singer achava que ele tinha fechado a perfuração do seu duodeno, mas planeja manter um olho em Casey por mais quarenta e oito horas.



Quando ele perguntou a Isaac o que tinha causado o sangramento em primeiro lugar, ele lhe disse que a ulcera gástrica era causada por estresse e aspirinas demais. Sabendo que ele era um dos motivos para o estresse fez Hal se sentir como merda. Toda a situação entre os dois era frustrante. Hal sabia que os seus sentimentos por ele eram maiores do que tudo que tinha sentido antes. Eles certamente não eram do tipo que você tinha por apenas uma noite.

Agarrando um banco pequeno, Hal se sentou ao lado da cama. Ele pediu a Quade Madison para convocar uma reunião de emergência para as nove horas. Hal esperava que Casey acordasse até então. Ele gostaria de olhar para aqueles escuros olhos castanhos, antes de sair para a reunião à noite.

Hal tinha enviado Gill para casa depois de ter conversado com Isaac. Agora era só ele. Sabia que devia chamar a família de Casey, mas ele não sabia nada sobre eles. Ele nem sequer sabia ao certo onde viviam.

Esperava que, Casey acordasse e dissesse o que fazer. Hal não era bom com pessoas doentes. Após a sua mãe ter morrido, ele corria para o outro lado, quando alguém mencionava não se sentir bem. Ele nunca pensou que estaria sentado ao lado da cama de um homem doente. Especialmente um que ele estava apaixonado. E não havia mais qualquer dúvida de que ele amava Casey. O observando dormir quase o levou a seus joelhos. Tudo o que Hal podia pensar era que Casey podia morrer sem saber como ele se sentia.

As pernas finas sob o cobertor começaram a se mover sem descanso, e Hal se sentou, observando o rosto de Casey. Depois de muito, muito tempo Casey começou a se agitar.

—Casey? — Hal sussurrou.

Os olhos de Casey começaram a se abrir, e fecharam novamente.

—Demasiado brilhante. — disse ele asperamente.

Hal pulou e desligou a luz do teto, deixando a luz do canto acesa.

—Como você está? — Ele perguntou, tomando seu lugar novamente.

Casey tentou novamente e conseguiu abrir os olhos a meio caminho.

—Melhor. — Ele virou a cabeça para Hal. —Sede. — Pegando o copo plástico sobre a mesa, Hal encolheu os ombros. —Eles não vão deixar você beber nada até que eles tenham certeza que não vai colocar para fora, mas eles me deram essa pequena esponja para molhar sua boca.

Ao aceno de Casey, Hal mergulhou a esponja no copo de água.

—Abra para mim. — Hal instruiu.

Casey fez, e Hal correu a esponja em torno do interior da boca de Casey.

—Isso é o suficiente por agora?

Concordando, Casey fechou os olhos, antes de abri-los novamente.

—Cansado.

—Eu imagino que você está. O Dr. Singer acha que ele conseguiu parar o sangramento, mas eles precisam mantê-lo aqui por mais dois dias.

Casey balançou a cabeça.

—Eu quero ir para casa.

—Desculpe. — Hal estendeu a mão e pegou a mão de Casey. —Eu vou esperar e deixar você falar com o médico, mas eles querem alguém para manter um olho bem perto de você



pelos próximos dias. Eu pensei que talvez você gostaria de ficar em minha casa e tomar umas férias do stress que você está passando.

Casey olhou para ele por alguns instantes.

—Você está tentando me deixar longe do stress ou da igreja?

—O estresse está matando você. — disse Hal.

Apesar de estar cansado, Casey começou a se preocupar.

—Há uma tonelada de trabalho a ser feito no edifício, o meu sermão de Natal, o concurso, o planejamento da festa ...

—Chega. — Hal, ficou de pé, e se inclinou sobre Casey. —Nenhuma destas coisas são tão importantes para mim como você e sua saúde. —Ele fechou a distância e deu um beijo suave nos lábios de Casey.

Um olhar de surpresa atravessou o rosto de Casey.

—Por que você fez isso? — Ele perguntou.

—Porque eu estou apaixonado por você, e minha briga é com Deus, e não com você. — Hal tocou os lábios de Casey com o polegar. —Eu não sei como isso vai funcionar, mas eu gostaria de tentar.

As lágrimas se acumularam nos olhos de Casey. Mesmo tentando segura-las, algumas escaparam e correram pelo seu rosto. As capturando com os seus lábios, Hal tentou acalmar o homem emocionado.

—Isso é um sim? Ou será que é um, "é demasiado tarde amigo"?

Casey assentiu.

—Isso é um sim, mas eu preciso que você faça algo para mim.

—Qualquer coisa. — disse Hal, Casey deu um sorriso.

—Eu vou precisar que você me beije de novo, e muitas vezes. — Casey sorriu de volta.

—O prazer é meu. — disse Hal, segundos antes de ele capturar os lábios de Casey novamente. Eles começaram devagar, mas logo a língua de Casey estava enrolada com a sua. Como ele viveu sem isso? Explorando a parte de trás do pescoço de Casey, Hal teve o beijo ainda mais profundo, invadindo a boca de Casey com sua língua.

Um pigarro os fez se afastarem. Hal não liberou Casey do seu abraço, mas voltou a cabeça em direção a porta. O Dr. Singer estava sorrindo para eles, prancheta na mão.

—Posso ter uma palavrinha com o meu paciente?

Voltando-se para Casey, Hal colocou mais um beijo em seu nariz.

—Eu vou estar lá fora. Eu quero ver você novamente antes de ir embora à noite. —Ele se levantou e apertou a pequena mão de Casey antes de andar para o corredor. Ele não perdeu o sorriso largo que Isaac deu-lhe quando passou.

Bem, ele apenas tinha que se acostumar com isso. De pé na sala de espera, Hal nunca se sentiu tão feliz.

Seu principal objetivo agora era conseguir Casey saudável e livre de estresse, e se isso significava bater algumas cabeças juntas, ele estava pronto para a tarefa.

Olhando o relógio, ele sabia que ele tinha apenas cerca de dez minutos antes dele ter que sair para a reunião na igreja. Andando para frente e para trás, Hal estava prestes a sair quando Isaac finalmente saiu da pequena sala de exame em que Casey estava.

—Ele está bem? — Hal perguntou.

—Parece bem. É claro que ele está cheio de amor agora, por isso é um pouco mais difícil de avaliar. — Isaac sorriu. — Nunca em um milhão de anos teria imaginado vocês dois juntos.

— Sim, eu acho que nem nós, o que é uma parte da razão dele estar na cama agora. Estou me preparando para cuidar da outra parte.

— Se importa de me dizer? — Isaac perguntou.

Hal balançou a cabeça.

— Esta cidade e a congregação de Casey precisam de um ajuste de atitude.

Isaac parecia saber exatamente do que Hal estava falando.

— É preciso dar às pessoas uma ruptura. O que aconteceu com o Reverendo Doles foi um choque para eles.

— Não importa. Aquele homem ali não fez nada, além de bem para eles, e eles ainda se recusam a vê-lo. Bem, se eu tiver que bater em suas cabeças para fazê-los olhar mais de perto, eles vão vê-lo.

Isaac riu.

— Algo me dá a sensação de que se alguém pode fazê-lo, esse alguém é você. Boa sorte. — Isaac apertou a mão de Hal. — A enfermeira da sala de emergência estará de plantão durante a noite. Ela vai me ligar se for necessário.

— Posso deixar o meu número, também?

— Claro. — disse Isaac, saindo.

Puxando a porta, Hal sabia que ele tinha menos de um minuto, antes de sair a toda velocidade para a cidade.

— Ei. — disse ele, indo para o lado de Casey.

— Ei, você também. — Casey sorriu.

— Estão me chutando para fora, mas estarei de volta por volta das nove da manhã para ver você.

Ele se inclinou para Casey e lhe deu um beijo, varrendo a sua língua para o fundo quente por apenas um segundo. Hal recuou e olhou nos olhos de Casey.

— Eu amo você. — ele sussurrou.

— Eu também te amo. — Casey respondeu.

Depois que Hal o deixou, Casey não conseguia parar de sorrir. Ele sabia que deveria estar preocupado com a igreja e que aconteceria se ele não saísse a tempo para os serviços de domingo, mas logo em seguida, ele não se importava. Tudo o que importava era o sentimento de completa paz dentro do seu coração. Hal não lhe pediu para desistir de sua fé. Em vez disso, ele disse que ia trabalhar o problema. Casey não sabia realmente o que isso significava, mas por este sentimento, ele estava disposto a assumir o risco.

Ele pensou em chamar seus pais, mas se decidiu contra isso. Eles tendiam a exagerar, e se eles descobrissem que tinha uma úlcera péptica, eles estariam no primeiro avião para fora de Kansas City.

Eles não tinham sido sempre dessa forma, mas quando ele teve meningite pneumocócica, no seu primeiro ano de faculdade, eles começaram a se preocupar. Agora, porém, Casey sorriu, ele tinha outras coisas para pensar além de sua família.

Tanto como ele gostaria de aceitar a oferta de Hal para se recuperar em sua casa, Casey sabia que seria mais fácil para ambos, se eles estivessem ao lado da igreja. Hal se sentiria

estranho em fazer amor com ele perto de uma igreja? Ele começou a se preocupar sobre isso até que sentiu um leve desconforto no estômago. Deixaria de pensar nisso. Ele e Hal tomariam a decisão. Uau, ele se chocou de como era fácil confiar em Hal.

A enfermeira veio poucos minutos depois com um sedativo.

—O Dr. Isaac quer que você descanse bastante, enquanto você está aqui.

—Sim, senhora. — Casey engoliu a pílula e entregou-lhe o copo de papel vazio. Em pouco tempo os seus olhos se fecharam. Esperemos que o sono seja pacífico. Ao adormecer, Casey ainda tinha um sorriso no rosto.

Capítulo Seis

Às seis da manhã do dia seguinte, Hal estava ocupado no trabalho com a ajuda de Gill.

—Eu realmente aprecio isso, camarada. — Hal martelou um prego na parede. Mesmo Gill sendo um inferno de muito mais forte do que Casey, Hal sentia saudades do seu ajudante regular.

—Sem problemas. — Gill falou sua voz grave e sonolenta. —Eu não vou abrir a oficina por mais outra hora.

—Esperemos que eu receba outro voluntário pelo tempo que você tiver que ir. — Hal pensou sobre seu encontro com o conselho na noite anterior. Ele ainda não tinha certeza de que tipo de impressão que ele tinha feito, mas ele sabia que tinha chamado a sua atenção. Alguns tentaram dar desculpas, mas Hal não iria ouvir nada disso. O resultado foi que se eles queriam que a sua igreja tivesse sucesso, eles precisavam entrar em acordo com seus sentimentos a respeito Brian Doles.

Nate estava ao lado dele, embora ele não estivesse no conselho. Hal se sentiu aliviado, de não ser o único lá para atestar a boa índole de Casey.

—Ei, você esta me ouvindo? — Gill perguntou.

Hal balançou a cabeça e deu marteladas no prego seguinte.

—Desculpe. Eu estava pensando sobre a reunião.

—Eles vêm por aí. Casey não é muito conhecido, mas quem tem alguém para defendê-los de modo tão veementemente tem que ser uma boa pessoa.

—Obrigada. Gill? Eu acho, não, eu sei que eu estou apaixonado. Pela primeira vez na minha vida eu estou apaixonado e estou inquieto sobre isso. E se nossas vidas forem muito diferentes para fazê-lo funcionar?

Após o último prego posto, Gill puxou Hal para fora do banco e deu-lhe um abraço.

—Estou contente por você ter finalmente encontrado alguém, mas eu não sei como tranquilizá-lo. Eu não sei o que aconteceu para fazer você se virar contra Deus, mas eu acho que você precisa decidir o que significa mais, o passado ou o futuro. Talvez seja Casey que vai ajudá-lo a se curar.

—Talvez. — Hal concordou.

—Pelo menos, eu acho que você deve contar a Casey a história, para que ele saiba o que ele está enfrentando. — Gill foi até a próxima folha de gesso. Hal se questionou se ele poderia dizer a Casey o que ocorreu. Ele honestamente não sabia. Ele tentou ao longo dos anos esquecer esse tempo de sua vida, só o apego ao ódio que sentia era uma maneira de lembrar.

Gill içou a folha no lugar e Hal retomou seu lugar no banco. Ele tinha um outro par de horas antes que ele pudesse ver Casey, assim ele poderia muito bem utilizar o tempo com sabedoria. Pensar em Casey teve seu pênis ficando ereto. Hal tentou suprimir seus pensamentos, sabendo que Gill estava no nível de sua virilha e não iria gostar.

Quarenta minutos depois, o telefone celular de Hal tocou. Ele colocou o martelo em seu cinto de ferramentas e atendeu.

—Olá.



—Oi, aqui é Kyle Brynn. Uh, da Padaria Brynn's. Eu quis ligar e expressar a minha solidariedade pela condição do Reverendo Sharp. Mesmo que eu não possa ajudar com a construção, eu senti que eu precisava fazer alguma coisa. Eu fiz um pouco de donuts e esperava que você pudesse pedir a alguém para buscá-los.

Hal sabia que Kyle estava em uma cadeira de rodas e não conduzia muito. Ele tinha uma van equipada para deficientes, mas ele raramente saía do seu prédio.

—Isso é muito amável. Só estamos eu e Gill aqui agora, e ele esta se preparando para ir abrir a oficina, mas eu vou pensar em algo.

—Está bem, eles estarão esperando. Hum, me desculpe se eu dei ao reverendo Sharp a impressão que eu não gostava dele. Estive para baixo ultimamente e parece que outras pessoas sofreram com o meu mau humor.

Hal pensou se alguém tinha uma razão de estar para baixo era Kyle. O fato de o homem estar tentando se desculpar tocava Hal. —Não foi nada. Compreendo o sentimento embora.

Depois de dizer adeus, Hal desligou.

—Era Kyle. Ele ofereceu alguns donuts e precisa que alguém vá buscá-los.

—Eu vou fazer isso. — Gill se voluntariou.

Hal olhou para o relógio.

—No momento em que você chegar lá e voltar, você vai estar atrasado para abrir a oficina.

—Então, eu acho que meu chefe vai ter que descontar do meu salário. — Piscou Gill, pegando seu casaco.

—Obrigado.

Poucos minutos depois que Gill saiu, Shepard Black entrou pela porta seguido por dois homens que Hal tinha visto na cidade, mas não conhecia.

—Bom dia. — Shep disse. —Eu trouxe alguns funcionários do meu rancho comigo para ajudar a um pouco. — Ele apontou para os dois homens. —Este é Rance, e este rapaz é o meu mais novo empregado, Jeremy.

—Qualquer ajuda é apreciada. — disse Hal, agitando as mãos do novo trabalhador. —Eu sei que você tem a sua própria fazenda para cuidar, eu gostaria de deixar tudo em andamento e em seguida escapar por alguns minutos para verificar a Casey.

Os quatro começaram a trabalhar. Quase trinta minutos depois, Gill, finalmente, entrou com duas grandes caixas de donuts. Depois de agradecer a Gill, os homens fizeram uma pequena pausa.

Hal colocou um pote café na cafeteira que Casey tinha cuidadosamente trazido na semana anterior. Enquanto comiam um par de donuts e tomavam um gole da bebida quente, Shep virou na direção dele.

—Até onde você está com a expectativa de terminar antes de véspera de Natal?

—Hum? — Hal não sabia exatamente sobre o que o homem estava falando.

—A sala. — Shep riu.

—Oh, bem, Casey e eu esperávamos ter pelo menos o teto terminado e os armários da cozinha prontos, mas eu pretendo obtê-lo totalmente acabado. Agora que parece que tenho mais ajuda eu acho que é uma meta alcançável.



Na verdade, ele pensou que era bem possível que eles poderiam ter toda a sala completa. Hal sorriu, pensando na surpresa que seria para Casey.

—Casey estará na clínica por pelo menos outro dia, mas vamos tentar mantê-lo longe da igreja. Eu já falei com Quade e outro membro da igreja o substituiria pelo próximo par de semanas. Ele precisa de uma vida sem stress por mais algum tempo para obter a sua úlcera curada totalmente.

Shep sorriu.

—Assim, em outras palavras, você quer surpreendê-lo com um edifício terminado?

Hal sorriu de volta.

—Sim. Isto é, se posso mantê-lo afastado. Por alguma razão, acho que ele tem a impressão que se ele fizer um bom trabalho no edifício, sua congregação vai aceitá-lo. Ele tem se matado, literalmente, tentando trabalhar nesta obra comigo durante o dia, e atendendo suas funções no início da manhã e à noite.

Shep ficou sério.

—Esta é uma cidade pequena, Hal. É preciso um bom tempo para as pessoas aceitar os recém chegados, e o Reverendo Sharp mais do que a maioria. Não foi nada pessoal, mas nenhum de nós quis ser enganado novamente. Eu não sei sobre os outros, mas eu decidi sentar e assistir um pouco antes de tomar uma decisão. Eu vou admitir, fui egoísta como o inferno, mas eu não ponho a minha confiança em muitos, e eu não queria ser tomado por um tolo novamente.

—Obrigado por ser honesto, mas posso dizer que não há homem mais perfeito do que Casey. — Shep sorriu e acenou com a cabeça.

Hal se sentiu aliviado. Ele conversaria e mudaria a atitude das pessoas, em um momento se fizesse com que Casey nunca mais sentisse que as pessoas não gostavam dele.

Casey abriu os olhos quando uma mão calejada tocou seu rosto. Ele sorriu.

—Ei.

—Ei, para você também. — disse Hal, inclinando-se para lhe dar um breve beijo.

—Mmm. — Casey gemeu. — Isso é bom. — Ele estendeu a mão e agarrou a frente do casaco de Hal, o puxando de volta para o outro beijo. A língua de Casey acariciou contra a de Hal quando o beijo se tornou mais profundo. Casey sentiu o lençol subir e sorriu para sua virilha. Ele quebrou o beijo e olhou para baixo.

—Alguém parece feliz em ver você.

Hal suspirou e passou a mão sobre a ereção Casey.

—Você está me matando.

Casey riu e levantou o lado do lençol para a mão errante de Hal. Hal riu e sacudiu o dedo.

—Agora você está tentando me chutar para fora daqui.

—Bem, honestamente, que esse não foi o meu primeiro pensamento. — Casey deixou cair o lençol. — E como está o trabalho?

Puxando o banquinho, Hal se sentou e se inclinou sobre a cama.

—Esta bem. Se eu te fizer uma promessa que a sala estará pronta até a festa você promete não se stressar sobre ela? Eu já perguntei se Nate pode decorar e obter todas as doações que você precisa.

Casey sentiu seu rosto se apertar. Hal estava dizendo que não era necessário?



—Parece que você tomou cuidado de me substituir em tudo, menos no serviço de domingo. Hal parecia culpado.

—Bem, eu realmente pedi ao conselho, se poderiam encontrar alguém da congregação para liderar o Serviço pelas próximas duas semanas.

—Você o quê? — Casey não podia acreditar no que estava ouvindo. Sentou-se e tentou passar as pernas sobre o lado da cama. Se ele ia ter uma discussão, ele precisava de suas calças. Ele olhou ao redor da sala.

—Onde estão minhas roupas?

Hal colocou as mãos sobre os ombros de Casey.

—Apenas relaxe. Eu sei que você está pensando e você não poderia estar mais longe da verdade.

Casey estreitou os olhos.

—Oh sim, o que estou pensando?

—Que nós não precisamos de você. — disse Hal. Mudou uma mão do ombro de Casey para a sua bochecha. —É porque precisamos de você que nós estamos fazendo isso. Você podia ter morrido, Casey. Você entende isso?

—Eu não vou morrer. Foi apenas um pouquinho de sangue. — Casey amou. E se eles gostassem da pessoa que o substituisse mais do que dele? Será que ele ficaria bem descansado e sem emprego? —O que eu devo fazer comigo?

Hal se inclinou e beijou.

—Deixe-me conhecê-lo, deixe-me cuidar de você. — Casey recebeu outro beijo, desta vez mais longo e mais profundo. —Vai ser bom para a Congregação pisar em seus sapatos e ver o quão duro você trabalha todos os dias.

Casey tomou uma respiração profunda. Dr. Singer havia dito que ele precisava encontrar uma maneira de lidar com o seu stress. Talvez tomar uma pequena pausa não era uma má idéia. Afinal, não era como se alguém realmente estivesse sentindo falta dele. Ele olhou para o céu daqueles olhos azuis na frente dele. Passar tempo com Hal seria certamente uma coisa boa. Ele imaginou se os dois se aconchegariam na frente da grande lareira de Hal.

—Será que você pode se certificar que a pessoa que pretende me substituir venha me ver? Já tenho os próximos Sermões planejados, e eu gostaria de ajudá-lo.

—Claro.

—Você vai fazer mais uma coisa para mim? — Casey defendeu com Hal.

Ao aceno de Hal, ele continuou.

—Por favor, veja se você pode me tirar daqui hoje? Estou me sentindo muito bem e eu só quero estar em uma verdadeira cama com um colchão espesso. —Casey deu a Hal um olhar que dizia que não planeja estar nele sozinho. Fazia muito tempo desde que ele tinha dormido nos braços de outro homem, e ele nunca tinha estado apaixonado, isto seria ainda melhor.

Sorrindo, Hal suspirou.

—Vou perguntar se posso buscá-lo no final do dia e o levar pra casa comigo. Há algo que você gostaria que eu pegasse na sua casa?

Casey coçou a barba por fazer.

—Meu kit de barbear, um par de pares de calças e algumas camisas, meias. Penso que deve ser suficiente para um par de dias.

Hal parecia estar fazendo uma nota mental.

—Roupa íntima?

Sorrindo, Casey balançou a cabeça.

—Não planejo precisar delas. O quanto a sua casa é quente? Eu poderia passar todos os dias nu. Eu sou um pouco paranóico na cidade, mas não há chance de alguém me ver em sua casa. Bem, exceto você.

—Você está indo para tornar difícil para eu deixá-lo todos os dias para finalizar a construção, não é?

—Se eu estiver fazendo meu trabalho direito eu estou. — Casey puxado Hal para baixo para outro beijo. Ele sabia que tudo era novo e é por isso que ele não poderia ter o suficiente, mas toda vez que ele tocou o homem maior, ele derretia. Gemendo, Hal quebrou o beijo. —Deixe-me falar com Isaac antes de eu sair. Vou terminar tão cedo quanto possa e estar de volta para pegar você.

—Obrigado. — disse Casey quando Hal deu-lhe um último beijinho antes de sair pela porta.

Terminando o dia, Hal foi fazer uma mala para Casey. Ele pegou o conjunto de chaves de seu bolso e abriu a porta. Hal queria acabar com isso o mais rapidamente possível e chegar à clínica, assim ele não perdeu tempo tentando encontrar uma mala de roupas e empurrar tudo para dentro.

Apesar do que Casey tinha pedido, Hal colocou um par de jeans, cuecas e meias de lã. Se tivesse sorte, talvez Casey pudesse sair da casa para ajudá-lo a caçar uma árvore de Natal.

Abrindo a gaveta da cômoda de Casey, os olhos buscaram o que era necessário. Com um sorriso, ele colocou mais algumas coisas na mala de Casey. Após encontrar um par de botas de neve no armário e trancar a casa, Hal estava pronto para obter o seu homem.

Ele riu. O seu homem. Ele nunca teve ninguém que ele tivesse considerado neste termo específico. O que sobre Casey, era tão diferente de qualquer outro homem com quem ele já tinha dormido? Inferno, ele não tinha sequer transado com Casey ainda. A imagem deles juntos deixou o pênis de Hal ereto e empurrando com força contra o seu zíper. Hal podia imaginar o doce corpo de Casey embaixo dele, ou acima dele, entrando para cima e para baixo no pênis dele.

Ao estacionar na frente da clínica, Hal se sacudiu. Teria tempo para isso mais tarde. Casey necessitava de alguns dias de descanso antes de fazer a ginástica que Hal tinha em mente.

Capítulo Sete

—Cuidado com a calçada. Ela pode estar muito escorregadia. — disse Hal, enquanto ele envolvia um braço em torno de Casey.

Casey estava firme em seus pés, mas gostava da sensação do calor de Hal para que ele o desencorajasse. Uma vez que eles estavam lá dentro, Hal começou a acender as luzes. Ele sentou Casey no banco atrás da porta e se ajoelhou na sua frente dele.

—Vamos tirá-las. — disse Hal, tirando as botas Casey.

Olhando para o topo da cabeça de Hal, Casey sorriu. Hal o estava tratando como se ele fosse realmente algo especial. Uma onda avassaladora de desejo percorreu Casey, e ele inclinou a cabeça para a de Hal, e devorou sua boca em um beijo.

Gemendo no beijo, Hal circulou as pernas de Casey. Deslizando as mãos no traseiro de Casey, Hal o apertou.

—Sim. — sussurrou Casey, envolvendo as pernas em torno do tronco de Hal. —Quero você.

Hal suspirou antes de balançar a cabeça.

—Você precisa descansar. — disse ele, beijando o pescoço de Casey.

—Eu preciso gozar. — Casey corrigiu. —Isso vai aliviar a pressão sobre as minhas bolas. — acrescentou com um sorriso.

Depois de olhar em seus olhos durante alguns segundos, Hal recolheu Casey em seus braços.

—Eu não tenho qualquer coisa aqui. — disse Hal explicando enquanto levava Casey em direção ao que ele assumiu que fosse o quarto. Ele nunca tinha tido alguém que o carregasse antes, mas ele teve que admitir que o fizesse se sentir protegido.

Lambendo a pele macia na base do pescoço de Hal, Casey segurou e sugou. Quando Hal não protestou, Casey sugou ainda mais forte, certo de que ele estava deixando uma mancha roxa. A menos que Hal planejasse usar gola alta o resto da semana, todos que entrassem em contato com ele veriam a marca de Casey. E ele gostava dessa idéia, admitiu a si mesmo. O pensamento de colocar sua reivindicação de uma forma tão visual endureceu ainda mais o seu pênis.

Sem o soltar, Hal caiu sobre a grande cama. Em segundos, eles tiraram suas camisas, tentando chegar à pele. Hal empurrou as mãos sob o elástico do moletom de Casey.

—Quero senti-lo. — disse ele ofegante, envolvendo seus dedos em torno do pênis de Casey.

Empurrando para o toque, Casey tentou tirar os jeans de Hal, mas o cinto estava impedindo seu progresso. Frustrado, Casey desabotoou o jeans antes de correr o zíper para baixo, deixando a cintura no lugar. Ele tateou o bojo escondido atrás de cuecas Hal.

—Quero vê-lo. — Casey implorou.

Hal conseguiu tirar seu cinto com uma mão, ainda acariciando Casey com a outra. Tão logo o cinto estava livre da fivela, Casey usou suas mãos e pernas para fazer deslizar o tecido para baixo. Sentir Hal nu contra o seu próprio corpo colocou Casey sobre a borda. Ele se sentiu constrangido quando sentiu o calor do seu sêmen entre eles.

—Desculpe. — ele pediu. Ele não tinha gozado tão rápido desde que tinha quatorze anos. Hal o beijou e chegou até a mesa ao lado. Voltando com um frasco de lubrificante e uma nova caixa de preservativos, ele se sentou sobre os calcanhares.

—Não se desculpe. Faz-me sentir bem saber que você me quer muito.

Casey tomou o lubrificante da mão de Hal.

—Deixe eu me preparar.

Balançando a cabeça, Hal pegou a garrafa de volta.

—Não, eu quero provar você primeiro. — Depois de colocar um preservativo, Hal mais uma vez se insinuou entre as coxas de Casey e as espalhou.

Com os olhos fechados, Casey apreciou cada beijo, lambida e chupada que Hal lhe deu, enquanto ele preparava o corpo de Casey.

—Bom. — Casey gemeu, quando Hal lambeu a pele sensível por trás de seus testículos.

Quando o veludo quente da língua de Hal passou por seu ânus, os quadris de Casey automaticamente se impulsionaram para o ar. Mais e mais, Hal lambeu e o beijou, lentamente afrouxando os músculos de Casey.

Posicionando os braços sob os joelhos, Casey trouxe as pernas contra o peito, dando a Hal acesso livre. O grunhido do grande homem deixou Casey sorrindo. Ah sim, ele definitivamente poderia se acostumar com a língua talentosa de Hal.

Casey gritou quando Hal introduziu um dedo lubrificado em sua passagem negligenciada.

—Tão quente. — Hal murmurou facilitando o dedo dentro e para fora.

—Quero você. — Casey gemeu. Ele teve bem poucos amantes no passado, mas Casey nunca tinha se sentido assim com seus toques.

—É preciso esticar mais. Eu não quero te machucar. — Hal ofegou. Era óbvio para Casey que Hal o queria muito.

Balançando a cabeça, Casey gemeu.

—Não, eu quero sentir cada centímetro de você correndo dentro de mim.

Hal olhou nos olhos de Casey. Casey podia ver o fogo queimando em seus olhos a luz azul que vinha com o amor.

—Eu não durarei muito. — disse Hal, retirando os dedos.

—Nem eu, mas temos tempo. — Casey espalhou suas pernas, acolhendo corpo muito maior de Hal entre elas. Quando Hal posicionou a cabeça de seu pênis no ânus de Casey, ele fechou os olhos. —Encha-me.

A violação foi lenta, mas firme, Hal abriu caminho dentro do corpo de Casey, uma polegada por vez, em um momento glorioso.

—É muito bom. — Casey sussurrou. Nunca tinha estado tão cheio, tanto no corpo quanto na alma.

Quando Hal parou, Casey percebeu que ele estava completamente empalado em seu pênis. Casey balançou a cabeça, sentindo como ele estivesse fora de seu corpo. Abrindo os olhos, ele olhou para o Hal.

—Você se encaixou.

O suor escorrendo em sua testa, Hal respondeu.

—Há alguma dúvida?

—Não. — Casey sorriu de volta. Hal puxou para trás, levando seu pênis precioso com ele. O corpo de Casey fez o seu melhor para sugar o eixo de volta, não querendo ser separado dele nem por um segundo. Ele estava prestes a chorar de frustração, quando Hal impulsionou nele novamente. O imediato sentimento de estar cheio ameaçou roubar a respiração de Casey.

—Mais. — disse ele ofegante.

Reposicionando suas pernas, Hal levou as palavras de Casey ao coração e começou a entrar e sair cada vez mais rápido de seu sensível ânus.

—Sim. — Casey chorou. Ele começou a se mover em contraponto a Hal, querendo, não implorando, por tudo que ele pudesse obter.

Se aproximando, Casey passou as mãos sobre os bem desenvolvidos músculos do tórax de Hal parando em seus duros mamilos. A necessidade de sentir seu gosto foi esmagadora, mas o ritmo deles não deixava Casey em condições de alcançá-los confortavelmente. Contentou-se, em vez disso em apertar e torcer os enrugados mamilos.

—Não consigo segurar mais. — Hal gemeu.

Casey colocou suas pernas ao lado do corpo de Hal, e colocou seus dedos em torno de seu pênis, o bombeado no mesmo ritmo estabelecido por Hal.

—Tão sexy. — disse Hal, os olhos se deleitando com o pênis de Casey. —Goze para mim.

As palavras suaves e o olhar intenso empurraram Casey sobre a borda em êxtase. Ele esqueceu-se de respirar quando o seu corpo se inclinou e seu pênis entrou em erupção.

—Nunca me senti assim. — Casey gritou enquanto ele expelia o sêmen no seu peito. Ele sentiu impulso de Hal nele mais algumas vezes, antes de um estrondo ecoar por todo o grande quarto.

Desabando em cima dele, o peso de Hal foi muito bem acolhido. Eles não disseram nada ao tentar descer de tais alturas.

Quando o pênis de Hal escorregou livre, ele rapidamente removeu o preservativo, o amarrando Hal jogou a borracha no lixo ao lado da cama antes de deitar ao lado de Casey. Que se deslocou facilmente de volta para os braços de Hal, Casey bocejou.

—Cansado, bebê? — Hal questionou, passando a mão para cima e para baixo em Casey.

—Um pouco. — Casey respondeu, beijando o peito de Hal.

Hal não disse nada por alguns minutos. Quando Casey estava prestes a dormir, Hal começou a falar.

—Eu não estive com muitos homens, mas eu senti que isto foi diferente.

—Mmmhmm. — Casey virou a cabeça e lambeu o mamilo de Hal. —Para mim, também.

Bocejando mais uma vez, Casey foi puxado até o peito apertado de Hal.

—Descanse, nós vamos falar sobre isso mais tarde. — disse Hal, a sua profunda voz vibrando contra a orelha de Casey, onde repousava sobre o peito de Hal.

Balançando a cabeça, Casey dormiu.

Utilizando o fogão, Hal sentiu os olhos nele um segundo antes dos braços estarem em volta de sua cintura.

—Você não deveria ter me deixado dormir por tanto tempo. — disse Casey, colocando beijos de boca aberta nas costas nuas de Hal.

—Você parecia tão confortável que eu odiei deixar você, mas eu pensei que você precisaria comer alguma coisa. — Hal apontou para a frigideira. —Eu espero que você goste de ovos mexidos. Isaac disse que por alguns dias você precisa de comidas fáceis de digerir.

—Vou comer com prazer qualquer coisa que você coloque na minha frente, eu estou morrendo de fome. Alguém me deu um exercício completo a noite toda.

Hal desligou o gás e deslizou os ovos em dois pratos. Tirando dois pedaços de pão da torradeira, ele se virou e enfrentou Casey.

—Não tivemos uma chance de conversar. — Ele fechou a distância, tendo a boca de Casey em um beijo breve, mas profundo.

—Eu sei, e você tem que sair para ir trabalhar. — disse Casey, aninhando sua cabeça contra o peito de Hal.

Colocando as mãos de Casey para trás, Hal puxou seu homem para mais perto.

—Sim, mas eu não voltarei tarde para casa. Eu estou indo até Sheridan para pegar os azulejos.

—Eu posso ir junto. — Casey olhou para ele.

—Você deveria estar descansando. É ruim o suficiente eu tê-lo mantido acordado a noite toda. —Hal não queria admitir que adorasse que Casey andasse ao lado dele todos os dias.

—Ficar sentado em um caminhão não é exatamente um trabalho manual. — Casey sorriu.

—Por favor, me deixe ir?

Rindo, ficou claro que ambos estavam lembrando-se da noite anterior.

—Deixe-me ir para a cidade e fazer algumas coisas, então eu volto para buscá-lo.

Casey olhou para Hall por alguns segundos. Hal sabia que Casey queria olhar a obra do salão, mas ele queria manter tudo uma surpresa.

—Não vai ficar fora do seu caminho, voltar até aqui?

—Não, eu conheço um atalho. — Beijou Casey novamente. —Vamos comer antes que nosso café da manhã fique frio.

Capítulo Oito

Parando na loja de materiais de construção, Hal olhou para Casey.

—Você vem comigo?

—Claro. — Casey sorriu e pulou para fora do caminhão. Sorrindo, Hal seguiu aquele belo traseiro para dentro da loja.

Decidindo se divertir um pouco, Hal caminhou até o balcão próximo.

—Olá, estamos aqui para pegar as caixas de azulejos pretos e vermelhos que pedi para a Igreja de Cattle Valley.

Casey tossiu e agarrou o braço de Hal. Com uma cara séria, Hal olhou para ele.

—Você está bem?

Balançando a cabeça, Casey estreitou os olhos.

—Cinza com desenho azul. Foi o que eu lhe mostrei no catálogo.

—Oh, bem, eu devo ter cometido um erro. Será que o preto e vermelho parece tão ruim, assim?

—Sim, eu penso que sim. Eu planejei pintar as paredes de um lindo azul céu para combinar com o chão, e ...

Hal decidiu dar a Casey um descanso.

—Eu estava apenas brincando. Fique calmo. —Ele sorriu.

—Muito engraçado. Você quase me deu um ataque do coração. — Casey socou Hal no braço. Mesmo que ele mal pudesse sentir através do seu casaco de inverno espesso, Hal rapidamente agarrou seu braço e urrou de dor.

Evidentemente, as suas brincadeiras não estavam tendo o mesmo efeito sobre o funcionário que revirou os olhos e saiu.

—Bem. — disse Casey. Se endireitando, ele caminhou até o balcão de atendimento ao cliente e esperou.

Quando uma jovem mulher sorriu para ele, Casey sorriu de volta.

—Estamos aqui para pegar alguns azulejos. Nós perguntamos a um dos seus funcionários, mas aparentemente ele está de mau humor com seu trabalho.

Hal nunca tinha visto esse lado de Casey. Ele ficou para trás e viu como Casey prendeu a atenção da garota com facilidade.

Ele era encantador, ainda negociando virou-se para Hal e solicitou o formulário do pedido. Quando a funcionária tentou lhe cobrar mais do que o preço acordado, Casey mostrou-lhe o papel, se certificando que visse que era para uma igreja. Hal tentou não rir quando ele disse à mulher que ela precisava ver quem tentava enganar, porque alguns o levavam um pouco mais a sério do que outros. Claro Casey fez um show de apontar para o céu antes de colocar o dedo sobre os lábios.

No momento em que entrou no caminhão, Hal estava sacudindo a cabeça. Não só tinham saído com os azulejos pelo preço combinado, como o gerente tinha colocado na nota uma doação de telhas para a Igreja.

—Isso foi ótimo. — disse Hal. —Você deveria ter sido um empresário. Você faria um bom dinheiro.

Casey olhou de lados para Hal.

—Você não acha que eu preciso de habilidades empresariais para dirigir uma igreja?

Hal não sabia o que dizer. Ele não teve a intenção de insultar Casey, mas ele só pensava no lado espiritual da vocação de Casey.

—Eu sinto muito. — Ele balançou a cabeça. —Acho que não conheço o suficiente o seu trabalho para fazer uma declaração como essa.

Casey suspirou.

—Nós ainda temos muito sobre o que falar.

Hal sabia que Casey estava certo, mas eles tinham tido um dia tão perfeito. Ele não tinha certeza de como Casey levaria a notícia de como Hal perdeu sua fé. Ele puxou Casey para perto ao lado dele.

—Mais tarde, ok? Podemos apenas apreciar isto, por agora?

Casey assentiu com a cabeça e se moldou ao lado de Hal.

—Com calma. — Hal lembrou-lhe. —Eu quero aproveitar meu tempo com você. — Ele esperou Casey concordar antes de sair do estacionamento. —Então, — Hal começou —por que você não me conta sobre sua família.

—Minha família? Bem, eles são bem normais eu diria. Meu pai é funcionário público, e minha mãe é dona de casa. Eu tenho um irmão mais velho e uma irmã mais velha, ambos casados, com filhos. — Casey deu de ombros. — Normal.

—Você é de Kansas City, certo? — Hal entrou em uma reta e colocou a mão na coxa de Casey. Ele estava tentado a fazer alguma exploração, mas queria saber mais sobre Casey enquanto podia.

Casey balançou a cabeça.

—Justo do Sul, uma cidade parecida com Cattle Valley só que um pouco maior. E quanto a você?

Hal sentiu um aperto em seu peito. Ele não gostava de falar sobre suas origens, assim ele contava a mesma história para todo mundo. Era errado? Ele queria ser honesto com Casey e sabia que com o tempo viria a ser, mas por agora...

—Eu cresci em Wyoming.

—Seus pais ainda vivem lá? — Casey perguntou, esfregando a pele macia entre os dedos de Hal.

Demorou vários segundos para Hal responder.

—Não, eu não cresci com meus pais, só com a minha mãe e ela morreu quando eu tinha oito anos.

Casey apertou seus dedos com os de Hal.

—Eu sinto muito.

Hal apertou a mão de Casey para deixá-lo saber que estava bem.

—Foi há muito tempo. Fui criado pela prima da minha mãe, Ada e seu marido, Dave.

—Você ainda os vê?

—Às vezes, nos funerais e outras coisas. — Hal apontou para a traseira do caminhão. — Eu acho que vou deixá-lo em casa e ir para a cidade. Eu realmente não preciso começar hoje, mas o azulejo deve ser mantido aquecido.

Lábios macios pousaram em sua bochecha.

—Você está tentando mudar de assunto?

Hal suspirou.

—Sim, por agora. Eu só ... Eu não estou pronto. — Ele virou a cabeça e deu um beijo rápido Casey.

—Você tem tempo para uma rapidinha antes de voltar para a cidade? — Casey passou a mão livre sobre a calça de Hal.

Gemendo, Hal espalhou as pernas para dar a seu pênis mais espaço.

—Uma vez que eu entre com você, eu não vou querer sair novamente. É melhor eu cuidar das coisas antes de voltar para casa.

—Se as estradas não estivessem cobertas de neve, eu estaria em alta velocidade agora.

— Casey correu a língua pela mandíbula de Hal.

Hal gemeu.

—Eu estou tentado a parar o caminhão e deixar você fazer mais disso. — Isso o lembrou de algo. —Ei, Casey, você estaria interessado em fazer o teste amanhã? Quero dizer, você pode confiar em mim se o fazemos. Eu não vou sair com mais ninguém. — Ele olhou para Casey e se sentiu estúpido.

Dando ao pênis de Hal outro aperto, Casey ronronou em seu ouvido.

—Eu pedi para Isaac fazer o meu exame, depois que você me disse que estava apaixonado por mim. Estou limpo. Eu tive vergonha de dizer que eu queria que nós estivéssemos juntos exclusivamente.

—Por que você se envergonhou?

—Eu não sei. Eu nunca fui exclusivo, e eu não tinha certeza do que você queria. Eu nunca tive um relacionamento. — Casey balançou a cabeça. —Parecia um tipo de sonho para mim, como se eu fosse bobo em querer você só para mim.

Hal pisou no freio e parou o caminhão no parque. Se virando para Casey, ele elevou o homem menor e o colocou em seu colo.

—Eu não compartilho. Eu nunca tive o que eu considero um relacionamento antes, mas quando estou com alguém eu sou fiel. Esta é a minha primeira vez, estando apaixonado, e posso garantir que eu não quero mais ninguém além de você. — Cerrou os olhos. —Se isso for aceitável, eu vou parar na clínica antes de voltar para casa à noite.

Com os olhos espantados, Casey assentiu.

—Eu acho que você não precisa se preocupar com qualquer um na cidade me dando um segundo olhar. Eu pareço ser quase invisível para eles. — De repente, um sorriso irrompeu no rosto de Casey. —Você realmente acha que está apaixonado por mim?

—Bem, como eu disse, eu nunca estive apaixonado, mas sim. Se isto significa pensar em você todos os dias e sonhar com você todas as noites. Se sentir como se alguém tivesse chutado meu estômago ao pensar em alguma coisa acontecendo com você. — Hal correu a língua pelos lábios de Casey. —Não querer nada mais do que acordar com você todas as manhãs.

Casey se esfregou para frente e para trás contra a ereção crescente de Hal.

—E quanto às noites? — Ele perguntou com calor em seus olhos.



—À noite, nós nos abraçaremos nus na frente do fogo. Discutindo sobre os nossos dias, antes de levá-lo para o quarto e transar com você, até que perca seus pensamentos. — Hal sorriu.

Casey comentou.

—Bem, não é má idéia. — Ele enfiou a língua na boca de Hal e gemeu. —Isso soa como a maneira perfeita de gastar todas as noites pelo resto da minha vida.

Hal assistiu os olhos brilhantes de Casey se nublarem.

—Não vamos sonhar mais até que nós conversemos. Ambos sabemos que precisamos parar e discutir algumas coisas, e se eu vou ter meu coração partido ... — Casey não terminou a frase.

—Foda-se. — disse Hal colocando o caminhão em movimento. —Eu vou estacionar o carro na garagem. — Ele deu a Casey outro beijo antes de colocá-lo de volta ao banco. — A última coisa que eu queria era te perturbar novamente. Eu posso trabalhar depois. Agora e sempre, você é mais importante.

Hal entrou na garagem e tirou Casey do caminhão, o levando para a cozinha.

—Por que você não vai colocar um moletom, enquanto eu faço um pouco de chocolate quente e acendo a lareira? Eu não vou sair de casa até que as coisas estejam resolvidas entre nós.

Casey ficou olhando para ele por alguns instantes.

—Você está bravo comigo?

Hal percebeu que sua voz tinha sido brusca. Ele passou a mão sobre o rosto e abanou a cabeça.

—Não bebê, estou com raiva de mim. Em vez de apenas falar com você sobre o meu problema, eu fiz você se sentir inseguro. Sou eu que tenho de estar inseguro. Eu tenho medo que quando você saiba de tudo, você vai mudar de idéia sobre me amar.

Dando dois passos Casey envolveu os braços em volta de Hal.

— Fazer a nossa relação funcionar, não tem nada a ver com o amor que sinto por você. Eu sempre vou te amar, Halden.

Soltando um suspiro, Hal abraçou Casey tão apertado quanto ele ousou. Deu um tapa no seu traseiro e o beijou na testa.

—Vá trocar de roupa, eu estarei lá em um minuto.

Depois de colocar um moletom cinza escuro, Casey se sentou na cama. Ele sabia que precisava se preparar para essa conversa, mas ele não sabia como começar. Ele sentiu a tensão no corpo de Hal quando ele perguntou sobre sua família. Alguma coisa dizia a Casey que o problema de Hal com Deus girava em torno da morte de sua mãe.

Decidindo ir sem camisa, Casey puxou o cobertor da cama e o levou com ele. Hal colocou duas xícaras de chocolate na mesa de café enquanto acendia o fogo na lareira.

Tomando um tempo para apreciar a visão do traseiro de Hal em uma cueca boxer, Casey sorriu.

—Eu acho que a sua roupa é mais confortável do que a minha. — disse ele, entrando na sala.

Hal olhou por cima do ombro e sorriu.

—Sinta-se livre para tirar o que quiser. Não há necessidade de fazer cerimônia por minha causa. — Colocando a grelha na lareira, Hal se levantou e virou na direção dele. — Puxe as almofadas do sofá e venha aqui.

Jogando as almofadas no chão, Casey empurrou o seu moletom para baixo e o tirou. Vestindo nada mais que um sorriso, Casey deslizou o cobertor para o chão.

—Eu pensei que poderíamos ficar com frio. — O olhar de Hal estava preso à virilha de Casey.

—Eu estou me esquentando muito bem. — disse Hal, empurrando sua cueca por suas coxas.

Casey foi o primeiro a se esticar no tapete. Ele segurou o cobertor para cima.

—Você vai me cobrir?

Sorrindo, Hal se abaixou aos pés de Casey.

—Eu vou cobri-lo. — Subiu pelo corpo de Casey, fazendo o caminho com beijos, parando para uma rápida lambida do pênis de Casey. Até o momento em que Hal atingiu sua boca, Casey estava duro e necessitado.

Embrulhando as pernas em torno da cintura de Hal, ele puxou o homem para baixo para um beijo. A boca de Hal tinha gosto de chocolate e deixou Casey ofegante como em nenhum outro momento.

—Amo você. — ele sussurrou, quebrando o beijo. Casey enroscou os dedos pelos cabelos de Hal, sabendo que era hora de acabar com isso. —Gostaria de começar?

Hal balançou a cabeça e se deitou ao lado de Casey. Descansando a cabeça no peito de Hal, Casey esperou.

Depois de alguns momentos, Hal começou.

—Minha mãe ficou grávida quando tinha dezenove anos. Ela saiu de casa com um cara que presumo era meu pai, logo após a formatura. Quando ela ficou grávida, meu pai foi embora. Ela se voltou para a igreja e a levaram com o apoio dela. Depois que eu nasci eles a ajudaram a encontrar um pequeno quarto numa pensão. Por esta altura, minha mãe estava totalmente imersa nos ensinamentos da igreja e nas palavras do reverendo Marshall. — Hal parou de falar, e Casey podia dizer que ele estava passando por uma vida de dor reprimida.

—Quando eu tinha oito anos, ela ficou doente. Até hoje não sei o que era, mas o reverendo Marshall disse para ela rezar. Mamãe passou todos os dias na igreja de joelhos. Quando ela chegou ao ponto em que estava muito doente para sair, ela me mandou no lugar dela, me dizendo que se eu rezasse bastante, que ela viveria. ... Eu tentei ...

Casey reforçou seu domínio sobre tronco de Hal. Ele sabia que a mãe de Hal tinha morrido, mas não como.

—Shhh, é suficiente por agora. — Casey não sabia ao certo o que dizer. Como um menino poderia ser colocado nesta posição por pessoas que deveriam amá-lo e protegê-lo, Casey não entendia. A compreensão o feriu, e ele olhou para Hal. —Você não é um ateu, não é?

—Hum? — Hal perguntou, enxugando os olhos com as costas da mão.

—Não é que você não acredita em Deus, é que você está irritado com ele. — Casey lembrou rapidamente dos últimos dias. —Quando eu estava vomitando e me recusei a ir ao médico, você estava com raiva de Deus ou com o fato de que eu estava recusando ajuda médica?

Hal apenas olhou para ele, e Casey poderia ver as rodas girando.

—O que você está tentando dizer, com isso?

Casey tomou uma profunda respiração. Ele sabia que não seria fácil para Hal ouvir o que ele estava prestes a dizer, podia até criar uma barreira entre eles.

—Deus não o decepcionou quando sua mãe estava morrendo, ela o fez. Mas um menino de oito anos de idade, não pode odiar sua mãe morta, assim você virou essa raiva em outra direção. Você me disse que você não me deixaria morrer só porque eu era muito teimoso para ir à clínica naquele dia. Eu acho que com o tempo você percebeu que sua mãe deveria ter ido ao hospital e não a igreja.

—Deus e o Reverendo Marshall a deixou morrer, e em seguida tentou me culpar. — disse Hal, se afastando o suficiente para se levantar e caminhar em direção à lareira.

Olhando Hal colocar algumas toras sobre o fogo, Casey soltou um suspiro. Ele não conhecia esse Reverendo Marshall, mas Casey sentia vontade de encontrá-lo e chutar o seu traseiro.

—Você sabe agora que a sua mãe deveria ter procurado um tratamento médico, não é?

Apertando suas mãos, Hal olhou para o fogo.

—Sim.

—Você sabe que mesmo eu sendo um Reverendo, eu não penso como Marshall, não é?

—Eu conheço Casey o homem, mas eu nunca ouvi o Reverendo Sharp falar com os seguidores de sua congregação. — Hal se virou para olhar para Casey, mas não se moveu de seu lugar.

Casey se levantou e caminhou em direção a Hal. Em pé na frente dele, ele olhou para cima.

—Você vê, essa é a diferença. Não tenho seguidores. Tenho companheiros de adoração. Todo homem e mulher na minha igreja têm sua própria mente. Eles não seguem cegamente a mim e aos meus ensinamentos. Nós nos reunimos aos domingos para louvar e dar graças ao Senhor, é apenas mais fácil quando um homem compartilha os ensinamentos. Ele não me faz melhor do que eles.

Hal deu um beijo na boca de Casey.

—Se você não se importa, eu gostaria de algum tempo para mim. Eu acho que vou para a obra. —Hal se afastou e começou a recolher suas roupas.

—Você prefere que eu saia? Esta é a sua casa depois de tudo.

—Não. — Hal balançou a cabeça. Fechou seu jeans e andou para trás sobre Casey. —Meus sentimentos por você não mudaram. Eu só preciso ter essa conversa com Deus em particular. Eu estarei em casa mais tarde.

Ele não queria que Hal sáísse, mas ele sabia que se tentasse detê-lo, iria prolongar a agonia de Hal. Hal estava certo, ele precisava colocar as coisas no lugar, mas Casey sentia que tinha mais a ver com os sentimentos em relação a sua mãe, em vez de Deus. Isso Hal teria de descobrir embora.

—Eu amo você. Dirija com cuidado e volte para mim.

—Eu sempre vou voltar para você. — disse Hal.

Casey o viu deslizar sobre as botas e colocar o casaco antes de andar para a garagem. Ouvindo a grande porta abrir e fechar, Casey foi até a janela e viu Hal conduzir devagar

Cattle Valey Mistletoe

Cattle Valley o2



Carol Lynne

longe da casa. Ele só esperava que o menino de oito anos que ainda estava preso dentro de Hal pudesse finalmente encontrar a paz.

Capítulo Nove

Quando Hal atravessou o campo, ele percebeu o seu tanque estava quase vazio. Decidindo passar para abastecer e ter uma conversa rápida com o seu melhor amigo Gill, ele se dirigiu para o posto. Olhando o relógio, ele decidiu perguntar a Gill se ele queria comer algo.

Depois de abastecer a caminhonete, ele entrou na oficina.

—Onde você está velho?

—Quem você está chamando de velho? — Gill perguntou, deslizando de baixo do Mercedes de Nate.

Hal ficou surpreso ao ver o carro de Nate na loja.

—O que isto está fazendo aqui? — Hal gesticulou em direção ao cupê preto conversível.

Gill balançou a cabeça e limpou as mãos em um pano que ele tirou de seu bolso traseiro.

—Não fale assim. Este carro é uma obra-prima das máquinas.

Gill passou as costas de sua mão em todo o lado da porta do passageiro.

—Eu perguntei a Nate se eu poderia pegar emprestado para estudar por uma ou duas semanas, enquanto as coisas estão lentas.

Chocado, Hal balançou a cabeça.

—E ele disse sim?

Hal teria jurado que ele viu o grande homem ficar vermelho sobre a graxa.

—Bem, ele me pediu um favor, e eu lhe disse que este era o pagamento. —Gill deu de ombros.

—Então, qual era o favor? — Hal perguntou sentado em um banquinho perto de Gill.

—Kyle precisava de alguém para consertar o elevador para cadeiras de rodas da sua van.

—Gill deu de ombros. —Não foi grande coisa.

Hal estudou o seu amigo. Ele não estava agindo como ele. Ele sabia que Gill estava interessado em alguém na cidade, mas Hal nunca tinha descoberto quem era.

—Você gosta dele, não é?

—Nate? Sim, ele é um cara bom o suficiente. — Gill levantou e caminhou em direção a pia para lavar as mãos.

Hal sorriu.

—Eu estava falando sobre Kyle Brynn.

Gill começou a esfregar as mãos com vigor.

—O que você está fazendo aqui? Eu pensei que você tinha uma obra para acabar e um homem para cuidar.

Mesmo ele não tendo respondido à pergunta, Hal já sabia a resposta. Decidindo a deixá-lo assim, Hal caminhou em direção a pia.

—Eu pensei que talvez você gostaria de obter algo para o jantar.

Tirando algumas toalhas de papel fora do rolo, Gill se virou.

—O que está se passando?

—O que você quer dizer? — Hal passou as mãos ao lado do seu pescoço antes de colocá-las no bolso do casaco. —Eu só preciso de uma pausa de meus pensamentos, não é grande coisa.



—Deb's? — Gill jogou a toalha para o lixo e começou a tirar seu macacão.

Hal sempre ficava surpreso com a massa muscular do corpo de Gill. Em seu trabalho ele não tinha esforço físico, mas apesar de estar fora do futebol profissional há oito anos, Gill estava maior e mais forte do que nunca. Ele entrou no escritório e esperou Gill fechar.

—Você me segue? Eu pensei em parar e fazer alguns trabalhos no salão depois.

—Encontro você lá. — disse Gill caminhando em direção a sua caminhonete.

Era quase sete horas quando Hal estacionou em frente à igreja. Esperando que um par de horas de trabalho na obra iria acalmar sua mente, Hal saiu e começou a descarregar os azulejos.

Colocando as primeiras caixas no chão, ele foi fazer café. Deveria estar pronto na hora que ele tivesse levado todas as caixas para dentro, ele tinha a sensação de que ia ser uma longa noite. Depois de aprontar o pote, ele ligou a cafeteira e notou uma pequena faísca. Hal estudou a tomada por alguns segundos. Ele teria que testar instalação elétrica na parte da manhã. Balançando a cabeça, caminhou de volta para o caminhão.

Tomando a primeira xícara de café, Hal pensou em Casey. Gill o lembrou que essa noite teria a cerimônia anual das luzes no parque às oito e meia. Ele sabia que Casey não tinha visto o Parque Beauregard iluminado em toda a sua glória. Hal sentia que estava em falta com Casey.

Ele tirou o telefone e ligou para casa.

—Residência do Kuckleman. — disse a voz suave.

—Ei. — disse Hal. —Eu pensei que talvez você gostaria de vir para a cidade e ir na cerimônia das luzes. — Hal prendeu a respiração quando Casey não respondeu imediatamente.

—Bem, eu acabei de desligar o telefone com Nate. Tentei ligar, mas você esta com seu telefone desligado. Deixei-lhe uma mensagem. Eles virão me pegar. Você gostaria de nos encontrar no parque?

—Desculpe, eu saí para comer com Gill. — Hal soltou um suspiro. Ele realmente não tinha vontade de competir com Nate hoje à noite. Além disso, o incomodou que Casey dissesse que Hal poderia encontrá-los no parque. Seu temperamento aumentou.

—Esqueça. Vou trabalhar no prédio. O vejo mais tarde. — Hal desligou sem esperar por uma resposta. Ele estava certo que era uma coisa infantil para se fazer, mas ele não estava se sentindo adulto no momento.

Pegando a vassoura, ele decidiu varrer. Ele tinha um bom grupo de voluntários que viria no dia seguinte para pintar as paredes. Depois disso, ele poderia começar a fazer o trabalho de azulejar o chão.

Quanto mais tempo ele trabalhava, mais culpado ele se sentia, ou era ciúmes? Ele queria compartilhar as luzes com Casey. O pensamento do homem menor envolvido em seus braços bebendo chocolate quente era demais para resistir. Ele só esperava que o restaurante Deb's ainda estivesse aberto.

Recolhendo seu casaco, Hal correu para fora da porta. Se tivesse sorte, ele poderia comprar o chocolate e ainda levá-lo para o parque a tempo de encontrar Casey.

Ele não sabia por que tinha vindo. As luzes eram bonitas, mas elas não brilhavam para ele. Casey olhou para o trio, felizes aconchegados uns aos outros enquanto riam e se

acariciavam. Rio, Ryan e Nate tentaram arduamente incluí-lo, mas algumas coisas você não podia compartilhar.

Casey pensou sobre sua conversa anterior ao telefone com Hal. Ele tinha ficado tão chateado e preocupado depois que Hal saiu de casa. O pegou de surpresa quando Hal disse a ele que tinha jantado com Gill. Sabia que não havia nada entre os dois homens, isso não o incomodava. O fato que o incomodava era que Hal estava bem para sair e comer, mas não bem o suficiente para estar com Casey. Tinha vezes que Casey desejava ser um homem estourado. Algumas palavras bem dirigidas a Hal, provavelmente o fariam se sentir muito melhor.

—Parece que você está pronto para ir. — disse Nate chegando mais perto.

—Sim. — A última coisa que queria era voltar para casa de Hal e esperar por ele. —Você se importaria de me deixar em minha casa?

Nate olhou para Casey por alguns segundos.

—Você tem certeza?

Casey assentiu.

—Se Hal quisesse me ver ele estaria aqui em vez de me deixar de lado. — Casey meteu as mãos nos bolsos do casaco e caminhou em direção ao estacionamento.

Ao passarem pela igreja, Casey viu o caminhão de Hal. A dor aguda lhe bateu no estômago.

Ele não tinha certeza se era a queimação da úlcera ou ver caminhão de Hal e saber que não poderia ir atrás dele.

Casey pressionou o punho no seu intestino, escondido na escuridão do banco de trás.

Nate parou o SUV e se virou para olhar para Casey.

—Tem certeza que é aonde você quer ir?

—Sim. Hal tem algumas coisas que ele precisa resolver. Eu acabaria ficando no caminho. — Ele recebeu um aceno de Nate em resposta. Abrindo a porta da frente, ele acenou de volta antes de pisar no interior.

Assim que cruzou o limiar, Casey tirou seu casaco e fez o seu caminho para o banheiro.

—Por favor, não me deixe vomitar. — ele lamentou quando seu estômago começou a rolar. Ele se sentiu um pouco melhor depois de molhar o seu rosto com água, então ele decidiu tomar um banho e ir para a cama.

Com dois copos grandes de chocolate quente na mão, Hal fez seu caminho através da multidão.

Quando ele não viu quem ele estava procurando, ele perguntou ao prefeito Madison se ele tinha visto Casey.

—Eu os vi sair a cerca de uma hora atrás. — respondeu Quade.

Parando o tempo suficiente para despejar os copos cheios no lixo, Hal foi para casa. Mesmo que ele ainda não tivesse feito as pazes com seu passado, Hal sabia que Casey era definitivamente o seu futuro. O importante agora era se certificar que Casey soubesse isso.

Quando ele chegou em casa, ficou surpreso ao encontrar a casa escura.

—Casey? Bebê? — Quando nenhuma resposta veio, Hal rapidamente andou de sala em sala. Sem encontrar nenhum sinal de Casey ele chamou Nate.



—Olá.

—Ei, é Hal. Eu cheguei em casa e Casey não está aqui, vocês estão ainda em algum lugar? Houve uma ligeira hesitação, antes de Nate responder.

—Casey pediu para deixá-lo em sua casa. Ele disse que tinha algumas coisas que você precisava resolver e ele pensou que o melhor seria ele ir para a casa dele até que você terminasse.

—Oh.

—Homem, desculpe.

Hal se sentiu dormente.

—Não tem problema, ele está certo. Eu preciso colocar minha cabeça em linha reta e lidar com algumas coisas. Obrigado por levá-lo esta noite.

—Não tem problema.

—Tchau. — Hal desligou o telefone. Ele admitiu a si mesmo que a atitude de Casey o tinha ferido. Sim, ele precisava fazer uma reflexão mais pesada, mas ele pensou que Casey entenderia que já não tinha nada a ver com o seu relacionamento. Evidentemente, Casey pensava de maneira diferente.

Agarrando uma garrafa de uísque para fora do armário, Hal se serviu de uma bebida e caminhou em direção à sala de estar.

Casey não sabia ao certo quanto tempo tinha dormido, ele acordou com uma dor persistente em seu estômago. Sentando-se na cama, ele esfregou os olhos e olhou para o relógio. Era apenas onze horas, por isso ele não tinha estado muito tempo na cama.

Decidindo tomar um comprimido antiácido, ele se levantou e caminhou em direção à cozinha.

Agarrando o frasco dentro do armário, ele foi até a pia para um copo de água. Olhando pela janela, ele viu que as luzes ainda estavam acesas, um segundo depois, ele percebeu a fumaça.

—Deus, me ajude. — disse ele pegando o telefone. Após uma rápida chamada para os bombeiros, Casey estava correndo do lado de fora em direção a Hal e ao prédio em chamas, com nada mais que sua roupa íntima.

Ele ficou surpreso ao encontrar a porta trancada. Ele bateu várias vezes, gritando por Hal. Quando ele não teve resposta, Casey tentou olhar pela janela. A fumaça foi ficando mais espessa em segundos, e ele mal podia ver dentro da sala. Rezando para que Hal tivesse se protegido da fumaça, ele rapidamente procurou em torno algo para quebrar a janela.

Voltando com uma grande pedra, Casey quebrou o vidro, gritando mais uma vez por Hal. Com as barras de ferro nas janelas, ele sabia que não conseguiria pular para dentro, colocando o seu braço dentro tanto quanto pode, ele tentou destravar a porta. Tomando uma respiração calmante, Casey tentou novamente, sentindo uma pontada breve quando os dedos conseguiram virar a fechadura.

Ouvindo sirenes ao longe, Casey empurrou a janela aberta e pulou para dentro.

—Hal! — Casey tentou cobrir o nariz e a boca com o braço. Ele sentiu a umidade pegajosa do seu próprio sangue contra o seu rosto e olhou para baixo. Um grande corte irregular em seu braço o fez um pouco tonto. Ele odiava ver sangue.

Agitado, ele tirou a cueca e a segurou contra a ferida enquanto ele continuava a sua procura na grande sala. Não encontrando Hal na sala principal, ele rapidamente correu para o banheiro. Ele estava feliz ao ver que o fogo parecia ser mais fumaça do que qualquer outra coisa. Quando ele estava saindo do banheiro das mulheres, a porta para o exterior foi chutada, Casey olhou para o bombeiro, totalmente equipado com máscara de oxigênio.

—Eu não pude encontrar Hal. — gritou ele, segundos antes de desmaiar.

Capítulo Dez

O telefone tocando tirou lentamente Hal de um sono profundo. Ele passou a mão sobre o rosto e percebeu que ainda estava no sofá. Seu segundo pensamento foi que um telefonema no meio da noite nunca era uma boa coisa.

Correndo para o telefone, Hal conseguiu alcançá-lo antes de cair na secretária eletrônica.

—Olá?

—Hal, aqui é Ryan. Estou ligando para lhe avisar. Teve um incêndio na igreja.

—Merda. — Hal passou a mão sobre sua mandíbula. —Somente na igreja, certo? Não na casa de Casey?

—Não, aconteceu na obra. Casey viu e telefonou, estou indo para lá agora.

—Estou logo atrás de você. — disse Hal e desligou.

Rapidamente ele correu até a cozinha e colocou suas botas e casaco, antes de correr para fora da porta. Enquanto ele dirigia o carro, ele tentou chamar a casa de Casey. Ele sabia que poderia não alcançá-lo, mas ele tinha que tentar.

Quanto mais perto ele estava do prédio, mais ele sentia uma urgência nele. Fogo na obra? Como tinha acontecido ... —Oh, merda. — disse Hal. A visão repentina da cafeteira veio à sua mente e à pequena faísca anterior. Ele tinha inadvertidamente posto fogo a igreja de Casey, deixando a cafeteira ligada, ou a fiação foi a culpada?

Nenhuma opção sentou bem, nem estava preparado para a visão diante dele. Não só havia um caminhão de bombeiros em frente da igreja, mas uma ambulância também.

Hal estava fora da caminhonete e correndo em direção a ambulância em uma fração de segundo. Por favor, que Casey não esteja lá dentro, ele pensou enquanto passava através da multidão de espectadores. Ele chegou à ambulância, no momento em que dois paramédicos estavam levantando uma maca nas costas.

—Casey. — gritou, empurrando os bombeiros.

—Hal. — ouviu a resposta abafada. Olhando sobre o ombro paramédico, ele pode ver Casey, branco como uma folha, com uma máscara de oxigênio sobre o rosto. Ele parecia tão pequeno na maca, que Hal quase caiu de joelhos. Ele começou a entrar na ambulância, mas Zac, o novo paramédico na cidade, o deteve.

—Hal. Desculpe, mas você terá que nos seguir para a clínica.

Guerreando entre argumentar com o paramédico, ou deixá-los chegar à clínica, Hal assentiu. Olhando para Casey, ele levantou a mão.

—Eu vou estar lá antes de você, bebê.

Sem um segundo olhar para o prédio atrás dele, Hal correu para sua caminhonete. Ele estava esperando a ambulância que entrou na porta de emergência da clínica.

Hal entrou através das portas automáticas e reconheceu o Dr. Sam Browning. Ele não conhecia bem Sam, mas tinha encontrado com ele em várias ocasiões. Ele sabia que os três médicos, que trabalhavam, na clínica eram bons médicos, ele só esperava que Sam fosse o melhor.

Assim que Casey foi levado para a sala iluminada, Hal estremeceu. Hal tomou seu lugar na maca ao lado de Casey. Alcançando a mão de seu amante, ele notou a gaze embebecida de sangue pela primeira vez.

—O que aconteceu? — Hal perguntou a Zac.

—Ele se cortou ao tentar desbloquear a janela para entrar no edifício. — Zac disse que após conferir os sinais vitais de Casey.

Sam olhou para Hal.

—Eu preciso colocá-lo na sala de operações e parar o sangramento. Espere lá fora e eu lhe aviso assim que terminar.

A maca transportando Casey desapareceu atrás de uma porta balançando, e Hal se voltou para Zac.

—Ele vai ficar bem?

—Provavelmente. — Zac disse, tirando suas luvas de látex e as jogando no lixo na sala das enfermeiras. —Ele estava lá dentro o procurando, quando o caminhão de bombeiros chegou ao local.

—Procurando por mim? — Hal perguntou, correndo os dedos pelos cabelos.

—Parece que ele viu as luzes acesas e pensou que você ainda estava lá dentro.

—Ele arriscou sua vida pensando que eu estava em perigo? — Hal perguntou, mais para si do para Zac. Ele não podia compreendê-lo. Hal amaldiçoou sob sua respiração. Foi totalmente culpa dele, Casey estar naquela sala. Primeiro o que ele tinha feito para por o maldito prédio em chamas, e em seguida, saindo com tal pressa para encontrar Casey no parque que ele tinha deixado as luzes acesas. Precisando de um pouco de ar, Hal fez o seu caminho em direção à entrada apenas para ser parado quando Ryan, Rio e Nate empurraram as portas duplas.

—Como ele está? — Ryan perguntou.

—Eu não sei. O levaram imediatamente para uma das salas de exame. Seu braço estava sangrando muito. — Hal passou suas mãos sobre os olhos.

Ryan pousou a mão no ombro de Hal com simpatia. Nate não parou por aí, e passou os braços em torno da cintura de Hal.

—Eu sinto muito.

Hal deu de ombros, Ryan deu um ligeiro aperto e o soltou.

—O prejuízo real da obra foi mínimo. Eles não vão saber com certeza até que tenham mais algumas horas para passar por cima de coisas, mas parece que uma oscilação de energia pode ter sido o culpado. A cafeteira foi deixada ligada.

—Merda. — disse Hal e fechou os olhos. Poderia haver uma grande seta apontando para quem foi o culpado? Hal estava distraído quando Sam entrou na sala de espera. —Como ele está?

—Ele vai ficar bem. Casey perdeu uma boa quantidade de sangue, mas agüentou bem a pressão e o temos estabilizado. Eu gostaria de mantê-lo durante a noite, mas ele está insistindo em ser autorizado a ir para casa. — Sam riu e balançou a cabeça.

Sim, Hal podia imaginar o seu pequeno homem brigando com o médico.

—Então, eu posso levá-lo para casa? — Hal perguntou, esfregando as mãos em suas calças de brim.

—Dê-lhe mais alguns minutos em oxigênio. Ele inspirou um pouco de fumaça, mas nada prejudicial. Ele vai precisar de algumas roupas para ir embora.

—Hum?

Sam corou.

—Parece que ele estava vestindo apenas uma cueca, quando ele entrou na igreja. Depois de ter seu braço cortado, Casey fez a coisa mais inteligente e usou o que tinha de tecido para estancar o sangue.

Apesar do fato de Casey estar seguro, a idéia de um punhado de pessoas vendo seu homem nu, não caia bem a Hal.

—Vou levá-lo para casa, em uma bata do hospital. Darei minha camisa a ele se for necessário.

Hal deixou o hospital com um Casey muito sonolento envolto em uma roupa de hospital e um cobertor. Através de um pequeno malabarismo, Hal conseguiu assegurar que Casey pudesse se esticar no banco do lado dele. Com a cabeça de Casey em seu colo, Hal se afastou da clínica.

—A igreja? — Casey perguntou e sua voz ainda um pouco arranhada.

—Eu não vi, mas Ryan me garantiu que o dano não foi nada que não pudesse ser consertado. — Hal passou os dedos pelos cabelos de Casey. Ele estava feliz nada mais grave tinha acontecido. —Me desculpe, bebê.

Casey virou a cabeça e beijou a mão de Hal.

—Eu estava tão assustado que você estivesse na construção. Tudo que eu podia pensar era em achar você.

—Quando eu percebi que eu tinha sido um merda ao telefone, eu decidi surpreendê-lo no parque com chocolate quente. Você era a única coisa em minha mente e como um burro completo, eu deixei as luzes e a cafeteira ligadas. — Hal suspirou. —Eu vou pagar pelos danos e fazer os reparos de graça. — Queria pedir perdão a Casey, mas Hal sabia que ele não merecia.

—Ei — Casey disse, olhando para ele. —Quando vi a fumaça, eu não dei dois pensamentos para o edifício. Era com você que eu estava preocupado. Ainda estou.

Hal tentou prestar atenção à estrada, mas seus olhos continuavam descendo para o rosto de Casey.

—Eu te amo.

—Bom, porque você vai estar vendo um monte de mim pelo próximos dez dias.

—Espero um pouco mais de dez dias, bebê. — disse Hal com um sorriso.

—Oh, você não vai se livrar de mim. Eu quis dizer que eu vou estar trabalhando ao seu lado durante o dia e dormindo ao seu lado à noite.

Casey deu-lhe um soberbo olhar, e Hal balançou a cabeça. Antes que ele pudesse protestar, Casey continuou.

—É mais estressante eu sentar em sua casa e me preocupar se o edifício vai ficar pronto a tempo. Pelo menos desta maneira, eu vou estar fazendo algo sobre isso. Posso não ser o mais experiente ajudante com que você já trabalhou, mas eu sou o mais bonito.

—Então é assim? — Hal perguntou. Ele tentou manter a seriedade, mas falhou miseravelmente. —Gill é uma droga de um homem bonito.

—Pare aí, Sr. Kuckleman, antes de morder mais do que você pode mastigar. — Casey apertou sua perna.

—Ainda bem que eu prefiro loiro. — Hal puxado para dentro da garagem e desligou a ignição. —E como esta o seu braço?

Casey desapertou o seu cinto de segurança e se sentou. Movendo o braço para cima e para baixo algumas vezes, Casey assentiu.

—Ele parece suficientemente bom para eu estar com tesão, e bom o suficiente para funcionar.

Hal olhou para o homem lindo ao lado dele. Depois de tudo o que ele tinha feito Casey ainda o queria.

—Realmente, você está com tesão?

—Sempre. — disse Casey. Ele se inclinou e passou a língua nos lábios de Hal. —Meu braço pode estar dolorido, mas meu traseiro está bem.

O pênis de Hal saltou pensando na imagem.

—Merda, vamos colocar você para dentro. Temos apenas um par de horas antes de começarmos a trabalhar, e eu penso em fazer amor com você várias vezes.

O sentimento de ser esticado e cheio era puro êxtase, Casey pensava enquanto estava sob Hal. Ele podia ver o esforço concentrado que Hal fazia para ir devagar e Casey balançou a cabeça.

—Leve-me, eu não estou sofrendo. Mas eu posso estar dolorido em poucas horas, quando a pílula para dor perder o efeito. Melhor aproveitá-lo enquanto podemos.

A testa de Hal se franziu quando ele deslizou para fora do corpo de Casey antes de entrar novamente.

—Oh sim, eu gosto disso. — Casey gemeu, tentando levantar a bunda da cama, seu cansaço de mais cedo tinha desaparecido no minuto em que tinha atingido os lençóis.

Casey fechou os olhos brevemente quando o pênis espesso de Hal deslizou por sua próstata. Tornando a abri-los, ele olhou nos olhos de Hal. Ele podia ver o calor, bem como o amor em suas profundezas azuis. Casey sentiu como se Hal estivesse cavando a sua alma, tentando descobrir as respostas que ele tanto precisava.

Apesar da velocidade do ritmo que Hal tinha fixado, Casey conseguiu levantar a mão para acariciar o homem maior. Ele pôs as mãos em concha na bochecha de Hal antes de mover a mão para a sua nuca. O puxando para um beijo, Casey trabalhou sua língua contra a de Hal. Ele enviou uma oração silenciosa para que ajudasse o seu amante a se curar. Quebrando o beijo, Casey fechou os olhos e sussurrou:

—Eu te amo.

Com um grunhido, o corpo de Hal começou a tremer quando ele esvaziou sua semente no preservativo. Casey envolveu os seus dedos em torno de seu pênis na bela vista acima dele. O contentamento absoluto no rosto de Hal ajudou a empurrar Casey ao longo da borda,

ondas do esperma explodindo de seu pênis, caindo no seu estômago e peito. Antes que ele pudesse terminar o seu clímax, Hal se dobrou em seu estômago.

A imagem de Hal avidamente lambendo-lhe, deixou Casey agradecendo a medicina moderna. Hal tinha estado emocionado quando Casey entregou o resultado de seu exame de sangue. Agora, só faltava obterem o resultado dos exames de Hal. Sam prometeu que estaria pronto no dia seguinte, e a boca de Casey salivava com a idéia de finalmente provar realmente o seu amante.

—Você é tão quente. — Hal gemeu, lambendo o seu caminho ao redor dos mamilos enrugados de Casey.

Com um bocejo inesperado, Casey gemeu.

—Desculpe, acho que o dia acabou comigo.

Hal se deitou e descansou a cabeça no travesseiro ao lado de Casey.

—Por que não tenta dormir um pouco?

—E quanto a você? — Casey perguntou, se aconchegando contra Hal.

—Não tenho certeza, eu poderia ter sorte e dormir, mas eu ainda tenho muitas coisas na minha cabeça.

Beijando o rosto de Hal, Casey suspirou. Ele odiava não ser capaz de ajudar Hal em sua busca, mas ele já tinha dito tudo o que ele tinha o direito, agora, era com Hal. O melhor que Casey podia fazer era estar ao seu lado caso ele caísse.

Capítulo Onze

Com uma grande garrafa térmica de café, Casey andava ao lado de Hal em direção à igreja. Ele estava um pouco apreensivo sobre o que iria encontrar. Hal tinha de fato, finalmente adormecido em algum momento nas primeiras horas da manhã e eles não despertaram com o alarme tocando.

Agora já passava das oito horas da manhã e Hal estava dirigindo rápido demais para a estrada congelada.

—Chegar cinco minutos mais cedo não vai nos ajudar muito, se tivermos um acidente no caminho. — Casey comentou.

—Hum? — Hal perguntou. Casey apontou para o velocímetro. —Ah. — disse Hal, aliviando o pé do acelerador. —Desculpe, eu estava pensando em tudo que eu preciso fazer.

—Eu pensei que você não tinha visto ainda os danos.

—Eu não vi, mas tenho certeza que o gesso terá de ser refeito. Eu já chamei um eletricitista esta manhã. Eu ainda não sei onde eu errei, mas eu sou homem o suficiente para saber quando um especialista é necessário para consertar o meu estrago.

—Não. — Casey advertiu. Ele sabia que Hal se sentia culpado, mas ambos estavam vivos e a obra era apenas uma sala. Enquanto ele olhava para fora da janela, Casey tentou calcular mentalmente suas contas pessoais. Ele sabia que Hal tinha dito que pagaria os reparos, mas se eles seriam parceiros, ele queria que repartissem tudo.

Casey tinha algumas economias especialmente se ficasse muito tempo com Hal. Ele podia desligar o aquecedor por tempo suficiente para não congelar e ainda economizaria uma fortuna em gastos com aquecimento.

À medida que se aproximavam da igreja, Casey esticou e colocou a mão na perna de Hal. Ele não tinha certeza do que ele sentia mais nervoso, de ver o dano ou por Hal. Ao ver a Igreja, ele ficou surpreso com o movimento do lado de fora.

—O que esta acontecendo? — Ele perguntou, se virando para olhar para Hal.

—Eu não sei. — respondeu Hal, parando a caminhonete no estacionamento.

Casey olhou em volta com espanto. Tinha de haver uma dezena de caminhonetes no estacionamento junto com um par de SUVs. Ele reconheceu o carro de Nate a distância, bem como vários dos outros veículos.

Ele saiu da caminhonete e esperou por Hal. Andando de mãos dadas fizeram seu caminho para a entrada.

A primeira coisa que notou foi uma nova porta e moldura já instalada. Flashes do Chefe de Bombeiros Manning arrombando a porta para chegar até ele fez Casey balançar a cabeça.

—Quando eles tiveram tempo para fazer isto?

Hal encolheu os ombros.

—Eu não sei nada sobre isso. — Puxando a porta eles entraram. A sala estava cheia de operários, cada um fazendo uma tarefa diferente.

—Ai, estão. — disse Nate, vindo para ficar ao lado de Casey. —Como está se sentindo?

—Tudo bem. — resmungou Casey. Ele deu com sua cabeça um aceno rápido antes de olhar para Nate. —O que está acontecendo?

Nate esfregou o queixo e sorriu enquanto olhava ao redor da sala.

—Bem, Ryan, Rio e eu conversamos depois que vocês deixaram a clínica e decidimos que era hora da cidade colaborar um pouco mais. Fizemos alguns telefonemas e este é o resultado. — Nate abriu os braços e Casey olhou em volta.

Ele percebeu que a maioria, mas nem todos os homens que trabalhavam eram membros de sua congregação. Um sorriso lento se espalhou por todo o seu rosto, enquanto a parte negra em seu interior começou a clarear. Casey olhou para Hal.

—Isto é o que uma congregação faz, ela se reúne em tempos de necessidade e se propõe a realizar algo quase impossível. — Casey se sentiu empolgado. Sem pensar, ele bateu palmas. A picada no braço foi um lembrete rápido que, embora o espírito estivesse disposto, o corpo estava uma porcaria.

Hal tinha um olhar de preocupação no rosto, enquanto ele acariciava o braço de Casey.

—Estou bem. — Casey lhe assegurou.

Hal deu a sua testa um beijo rápido.

—Porque você não fica com a tarefa de ser nosso supervisor, até que esteja bem o suficiente para usar as duas mãos?

—Um supervisor, legal. — Casey sorriu. Ele olhou ao redor da sala novamente tentando descobrir o que já tinha sido concluído e o que havia sido danificado. —Como estamos, Nate?

—Bem, nós tivemos que tirar todo o gesso do lado leste. Collin está checando a parte elétrica, para ver se o problema foi a cafeteira ou a fiação. —Nate estremeceu e olhou para Hal. —Desculpe.

Hal acenou deixando o comentário de lado.

—Eu liguei para Collin mais cedo para pedir que ele desse uma olhada.

—Bem, até agora eu não acho que ele encontrou nada, então isso é bom. — Nate apontou para a pilha de detritos molhados e quebrados. —Ezra chamou um de seus vaqueiros para trazer um caminhão de gado para limpar a bagunça. Fomos realmente sortudos, que você não tivesse começado o piso ainda. Os caras tiveram que substituir um par de azulejos da parede que rodeava a caixa elétrica, o bom disso, é que não era gesso, apenas cerâmica. Eu acredito que tudo estará pronto com tempo de sobra para a véspera de Natal. Claro que a maioria desses caras vão ter que voltar para seus trabalhos regulares amanhã, mas eles me prometeram vir por algumas horas à noite.

Foi então que Casey percebeu que era domingo. Ele olhou para seu relógio.

— Terá um culto na Igreja em uma hora e meia. Eu sei que você provavelmente já tem alguém para fazer o serviço no meu lugar, mas eu gostaria de dizer uma oração e algumas palavras. — Casey observou a maneira que Hal virou a cabeça para ver os homens.

—Vou me manter ocupado. — disse Hal, dando a mão de Casey um aperto antes de se mover.

Depois de uma hora gasta lixando e alisando as paredes, Hal percebeu que os homens começaram a entrar no banheiro, um por um antes de desaparecer pela porta da igreja. Ele olhou para Ezra James.

—Você não vai para a igreja?

Ezra balançou a cabeça.

—Não, eu deixo isso para os outros. Sinto Deus, tanto nesta parte do edifício como naquela. E você? — Ezra perguntou com um sorriso.

Dado que os sentimentos de Hal quanto à religião eram de conhecimento comum em torno da cidade, ele também sorriu e abanou a cabeça.

—Se eu fosse à igreja seria apenas para comer com os olhos o Reverendo Sharp. Não, eu acho que estou muito bem onde estou.

Ezra pareceu estudar Hal por alguns segundos antes de voltar ao trabalho. Hal passou a mão sobre um ponto ele tinha acabado de lixar, testando sua lisura.

—Você acha que nós vamos ser capazes de terminar tudo a tempo? — Hal perguntou.

—Não que importe muito, mas, sim, eu acredito.

—O que quer dizer com não importa? Por que você estaria aqui em um domingo, se não importa? — Hal colocou a lixa no chão e limpou as mãos no pano enfiado na frente de seu jeans.

—Porque todo esse processo não é realmente sobre esta sala. Nós podemos ter uma festa de Natal aqui, estando terminado ou não. Isto é sobre a cura de uma comunidade, e da maneira que eu vejo, você já começou a nos colocar no caminho do perdão.

Hal ficou chocado com a declaração.

—Eu? Eu não fiz nada além de tentar queimar o maldito lugar.

—Você está errado. — a voz profunda de Ezra caiu ainda mais baixa. — Apesar do que acontece ou não acontece entre você e Deus, você reuniu a congregação da igreja e nos deu uma chamada. Eu admito que não conheça o reverendo tanto quanto eu deveria por esta altura, mas você nos fez ver que não podemos culpá-lo ou a igreja por aquilo que alguém fez estando no comando dela. Fomos maltratados por alguém que nós confiávamos, e tentamos jogar esses sentimentos em cima do Reverendo Sharp. Com poucas palavras escolhidas, você nos tornou conscientes desta situação.

—Fez eu me sentir francamente envergonhado de mim mesmo. — Ezra começou lixar novamente. — Isso é o que você fez, e eu agradeço.

Esdras não disse mais nada. De fato, Hal não podia se lembrar do homem enorme dizendo tantas palavras juntas em todos os anos que ele o conhecia. Quando começaram os hinos ao lado, Hal sentiu filtrar as palavras em sua mente. Imagens dele e de sua mãe em pé lado a lado cantando aquelas mesmas canções trouxeram lágrimas aos olhos de Hal.

—Me desculpe, Ezra, eu vou para a loja de ferragens buscar a encomenda que fiz. — Hal saiu sem dar a Ezra outro olhar e sem esperar uma resposta. Ele só precisava desesperadamente fugir daquelas canções. Se fechando dentro da cabine de sua caminhonete, ele ainda ouvia as canções na cabeça. Ele percebeu que não era real, era apenas as memórias que o faziam ouvir a música.

Colocando a cabeça no volante, Hal deixou algumas lágrimas deslizarem pelo seu rosto antes de limpá-las rapidamente. Esdras tinha razão. Você não pode culpar os outros pelos erros de outra pessoa. Ele sabia que tinha sido errado os adultos de sua vida colocarem esse tipo de pressão sobre os ombros de um menino de oito anos de idade. Hal sabia que enquanto não descobrisse o culpado pela morte de sua mãe ele não teria paz. Sua mãe não



teria morrido, se tivessem conhecido melhor o Reverendo Marshall? Aqueles que o conheciam se sentiriam culpados por falhar em lhe atribuir à culpa?

Quanto mais Hal pensava, mais confuso ficava. Sua mãe era jovem. Ele poderia, no lugar dela, ter sido um pai melhor, tendo dezenove anos e sendo solteiro? Sim, talvez ele pudesse ter sido. Ele tinha pelo menos ter ido à droga do médico se ele soubesse que estava doente. Ele com certeza tentaria não deixar seu filho sozinho se algo acontecesse com ele.

A dor no peito era tão real, que Hal se segurou. O primeiro pensamento que veio em sua mente foi um ataque cardíaco, e então de repente tudo ficou claro para ele. Ele estava irritado com sua mãe por morrer. Ela devia ter amado Hal o suficiente para cuidar melhor de si mesmo. Ligando seu caminhão, ficou claro para Hal o que ele precisava fazer. Sabendo que Casey se preocuparia, ele pegou seu telefone e ligou para Gill.

—Olá?

—Ei, eu preciso que você me faça um favor.

—Qualquer coisa, eu estava no meu caminho com mais alguns donuts de Kyle.

Hal sorriu quando Gill disse que o nome de Kyle, todo doce e sonhador.

—Eu preciso ir ver Ada, a mulher que me criou. Diga a Casey que eu estarei em casa logo que puder e peça para ele não se preocupar.

—Porra, cara, eu estou preocupado então você pode apostar que Casey ficara também. O que aconteceu que você precisa ver essa mulher?

—Preciso descobrir o que matou a minha mãe.

Hal sabia que ele tinha conduzido muito rápido quando chegou à casa de Ada e Dave em menos de duas horas. Quando ele estacionou na frente da casa pequena de madeira branca, ele pensou sobre a sua vida depois de ter vindo morar ali.

Ele tinha sido tão mal-humorado e fechado em si mesmo, que ele realmente não tinha dado a Ada e Dave uma chance de se aproximar dele.

Ele havia estado consumido pela raiva e culpa. Olhando para trás, ele percebeu que provavelmente deveria ter tido a ajuda de um profissional, mas Ada era uma dona de casa e Dave um mecânico. Não teria havido nenhum dinheiro para essas coisas.

Parado na pequena varanda, Hal teve que levantar a mão várias vezes antes de reunir a coragem necessária para bater. Em segundos, a porta se abriu e uma mulher arredondada com cabelos grisalhos estava em frente a ele.

—Halden? — Ada perguntou surpresa ao vê-lo.

—Olá. Importa-se se eu entrar?

—Oh, me desculpe, sim, por favor, entre. — Ada ficou para trás e Hal entrou. A pequena casa parecia a mesmo de sempre. Tendo trinta e oito anos ele ficou surpreso ao descobrir que era uma sensação reconfortante.

—O lugar parece ótimo, Ada.

Sua mãe adotiva olhou ao redor da pequena sala de estar.

—Parece igual para mim.

—Sim, parece. — disse Hal melancolicamente.

Ada enrubesceu e fez um gesto em direção à cozinha.

—Venha tomar uma xícara de café e me diga a quem eu preciso agradecer por esta visita inesperada.



Hal suspirou, enquanto via a mulher mais velha sair da sala. Ele realmente não tinha sido muito agradável com eles. Eles haviam levado um estranho para sua casa há trinta anos e tinham tentado o seu melhor para ser bons pais para ele. Infelizmente ele tinha estado machucado demais para vê-lo naquele momento.

Sentado a velha mesa cheia de marcas, Hal estudou Ada enquanto ela preparava um pote de café fresco.

—Sinto muito. — ele disse. Ele não sabia que ia dizer isso em voz alta, mas se sentiu melhor.

Ada se virou e limpou as mãos em uma toalha. Ela veio e se sentou em frente a ele.

—Pelo quê, querido?

—Pelo menino que eu fui enquanto estava crescendo e pelo homem que tenho sido até agora. — Hal engoliu o nó na garganta antes de continuar. —Conheci um homem.

—Sim? — Ada perguntou. Hal sabia que Ada e Dave sempre suspeitaram que ele fosse gay, mas nunca tinham tido o tipo de relação necessária para discutir o assunto. —É por isso que você está aqui?

—Sim e não. Estou tentando resolver algumas coisas do meu passado.

A cafeteira apitou e Ada se levantou e encheu dois copos. Colocando o de Hal em frente a ele, ela tomou o seu lugar.

—Primeiro me fale sobre o seu moço.

Hal respirou fundo.

—Ele é engraçado, leal a família, bonitinho. — Hal encolheu os ombros —, e ele é o reverendo da Igreja de Cattle Valley.

—Oh, senhor. — disse Ada, tocando com a mão o amplo peito. —Ele é a razão pela qual você está tentando resolver seus problemas?

—Em parte por amá-lo, bem, eu adoro o homem, mas eu estou lutando com a sua vocação.

— Hal parou e tomou um gole de café. —Você sabe de que minha mãe morreu?

Ada o olhou chocada.

—Você quer dizer que não sabe?

Hal balançou a cabeça.

—Foi-me dito pelo Reverendo Marshall e outros membros da congregação que ela morreu porque eu não tinha rezado o bastante.

Ada fez um som em sua garganta e cobriu a boca.

—Oh, meu Deus. — disse finalmente. —Eu não tinha idéia. Quando o reverendo Marshall chamou e nos perguntou se o levaríamos, ele simplesmente disse que você era mal humorado e hostil. Dave e eu não podíamos ter filhos, então pensamos que Deus o trouxe para nós através do Reverendo Marshall. Eu não tinha idéia que um homem de Deus pudesse tratar uma criança assim.

Sentindo uma lágrima cair pela sua face, Hal rapidamente a enxugou e pigarreou. Essas pessoas o quiseram apesar do que Marshall lhes havia dito. Ele passou dez anos vivendo sob seu teto e nunca tinha retribuído o seu amor. Olhando para os olhos de Ada agora, Hal não tinha dúvidas, que apesar do jeito que ele gostaria de ter sido tratado, pelo menos, Ada o tinha amado enquanto crescia. De repente, nada disso, importava mais.



Casey tinha razão. Não era de Deus, que ele estava com raiva, mas de sua mãe e sua família.

—Basta me dizer mais uma coisa. Será que a minha mãe teria vivido se tivesse ido ao médico para fazer um tratamento em vez de usar a oração para curá-la?

Ada suspirou pesadamente e olhou para o café.

—Talvez por mais algum tempo, mas ela não se curaria. Ela tinha leucemia mielóide aguda. Ele não sabia se isso o fazia se sentir melhor ou pior, mas lhe disse que a sua capacidade de rezar não teve nada a ver com isso.

—Gostaria de ficar para o jantar?

Hal olhou para o relógio acima do fogão. Era cedo ainda. Ele sabia que eles jantavam às cinco horas nos domingos.

—Hoje eu não posso, mas eu gostaria de trazer Casey para conhecê-los algum dia da próxima semana. Uh, você acha que Dave concordara?

—O que você vai fazer na véspera do Natal? — Ela perguntou com um sorriso aquecendo seu rosto.

—Bem, Casey terá os serviços na parte da manhã, mas nada depois disso. Se vocês quiserem podem ir e ouvir o sermão? Ou vocês podem vir depois, e todos nós teremos um bom jantar. Talvez vocês devessem planejar simplesmente passar o fim de semana. Eu sei que eu deveria ter convidado você antes. — Hal enterrou o rosto nas mãos. —Eu tenho sido um asno por tanto tempo. — Ada o olhou. —Por favor, me dê outra chance.

Ada tocou levemente as lágrimas em seus olhos e empurrou sua cadeira para trás. Vindo ao redor da mesa, puxou Hal fora de sua cadeira e o envolveu em um abraço.

—Vou ter de conversar com Dave é claro, mas eu adoraria ouvir o sermão do seu jovem na manhã de Natal.

Fungando, Hal assentiu.

—Casey vai ficar tão contente de tê-los lá, assim como eu.

Ada olhou para ele.

—Quer dizer que você vai estar lá?

—Sim, mas eu tenho que fazer uma parada no caminho de casa. Há alguém eu preciso pedir perdão.

Até o momento em que Hal parou dentro da garagem, passava das nove horas. Depois de ligar para Casey, ele decidiu ficar para jantar com Dave e Ada, depois de tudo. Quando ele saiu da caminhonete, as portas da cozinha se abriram e ele viu perfeitamente a silhueta de Casey. Com a luz por atrás dele, ele parecia quase brilhar.

—Você está bem? — Casey perguntou, segurando seus braços.

Hal não perdeu tempo em ir para ele.

—Eu me sinto melhor, neste momento, do que me senti em toda a minha vida. — Surpreendeu Casey, o levantando em seus braços e o levando para o quarto.

Uma vez nu sob as cobertas, Hal colocou Casey no colo.

—Eu quero você. — Se inclinado para frente, Hal abriu a gaveta de cabeceira. Em vez da caixa de preservativos que ele estava esperando encontrar, havia um envelope ao lado do frasco de lubrificante. Hal olhou para o envelope antes de olhar para Casey.

—Sam trouxe, quando foi embora da clínica para casa. — Casey piscou. —Acho que ele sabia que nós queríamos a informação o mais rápido possível.

Hal olhou o verso do envelope.

—Você não abriu?

—Não. — Casey respondeu, com um leve sacudir a cabeça. —Não era meu para abrir.

Hal sorriu, ele amava mais o homem a cada minuto que estavam juntos. Ele não teria culpado Casey se o tivesse aberto, mas era bom que ele respeitasse a privacidade Hal o suficiente para resistir à tentação.

—Mas se você não se apressar e abri-lo, vou ficar longe de você. — Casey provocou.

Rasgando o envelope, Hal olhou para o papel que estava dentro.

—Porra, vamos economizar uma fortuna em preservativos. — Ele sorriu para Casey.

A testa de Casey se levantou com a questão. Colocando lubrificante nos dedos, Hal segurou Casey apertado.

—Eu sempre me perguntei qual seria a sensação de fazer amor sem preservativo. Eu não posso esperar mais. Eu quero sentir o meu pênis nu enterrado dentro de você.

Casey suspirou e revirou os olhos.

—Se você tem que fazer. — disse ele dramaticamente. Destruindo o efeito, ele deixou escapar um gemido alto quando Hal entrou nele com um dedo. Após um alongamento rápido, Hal usou o restante do lubrificante para alisar o seu próprio pênis. Posicionando a coroa nua do seu pênis no ânus de Casey, ele olhou nos olhos do seu amante. —Eu amo você. — ele disse, e lentamente empurrou todo o seu comprimento dentro do apertado canal de Casey.

—Merda. — Hal gemeu. O seu pênis foi feito para estar dentro do corpo de Casey. O prazer foi ampliado pela falta do apertado preservativo. Isso era muito melhor do que ele imaginou que seria. Ele estava feliz dele nunca ter escorregado e transado com nenhum de seus outros amantes sem proteção. Isso era ...

—Oh Cristo. — ele gemeu quando ele começou a bombear dentro e fora do doce orifício de Casey. Isto era muito mais do que ele esperava.

Usando a mão do braço ileso, Casey começou a acariciar o próprio pênis. —É uma sensação boa ... mais rápido. — Casey ofegou, movendo a cabeça de um lado para o outro.

Nunca o decepcionando, Hal pegou velocidade, batendo os quadris contra o traseiro de Casey, o som de suas bolas, batendo em cada impulso

—Vou gozar. — disse em alerta Casey.

—Goze para mim. — disse Hal olhando a cabeça do pênis de Casey. O primeiro surto deixou o saco de Hal ainda mais apertado. Pela terceira corrente do sêmen branco, Hal não pode esperar mais e soltou um alto rugido que ecoou por todo o quarto quando ele esvaziou o seu sêmen profundamente dentro do homem que amava.

Não querendo se separar de Casey, Hal caiu para frente, mas parou com seus antebraços antes de esmagar seu pequeno homem. Ainda semi-ereto, ele apreciava a sensação do canal de Casey repleto com seu esperma.

Encontrando a boca de Casey, Hal o beijou, empurrando a sua língua profundamente.

—Da próxima vez eu quero você dentro de mim.

Os olhos de Casey se encheram de espanto na penumbra do quarto.

—O quê? Eu nunca ...

—Nem eu, mas eu quero com você. — Hal correu as mãos sobre o peito de Casey, beliscando e puxando os pequenos mamilos. —Me toque. — Hal gemeu.

Descendo sua mão, Casey correu a ponta dos dedos pela fenda do traseiro de Hal. Quando ele deslizou e em seguida circulou seu ânus, Hal gemeu. Ah sim, ele queria. Ele nunca tinha sequer imaginado permitir qualquer pessoa a fazer isso com ele, e o fato de que, desta vez, com este homem, tinha sido sua idéia fez tudo melhor.

Hal olhou para o relógio e sorriu. Tinham tempo de sobra antes do amanhecer.

Capítulo Doze

Indo para o trabalho na manhã seguinte, Casey sorriu para Hal.

—Você esta andando engraçado, esta manhã, não acha?

—Apenas o suficiente para me deixar louco. Eu sinto como se o seu pênis ainda estivesse enterrado profundamente dentro de mim. — Hal sacudiu a cabeça, enquanto eles se aproximavam da porta. —Não me pergunte como eu vou ser capaz de manter minha mente no trabalho.

—Eu tenho fé em você. — Casey destrancou e abriu a porta.

—Uau, vocês fizeram muitas coisas depois que eu fui embora. — disse Hal olhando ao redor da sala.

—Bem, nós estávamos esperando sermos capazes de começar a pintar hoje, mas nós não conseguimos pegar o material de pintura a tempo, de modo que é a primeira coisa da lista.

—Casey deu um beijo em Hal antes de andar e pegar dois rolos azuis. Entregando um ao seu homem, ele saltou um pouco. —Na verdade, não sei como vou fazer isso com apenas uma mão, mas eu vou tentar.

—Por que você não sai por aí e limpa as paredes em vez disso? Posso começar com a pintura.

Limpar as paredes?

—Por quê?

—Você tem que se certificar que não há pó nas paredes antes de começar a pintar. Basta ir ao redor, e se certificar de que todas as paredes estão lisas, em seguida, verificar que todos os buracos de pregos foram preenchidos e lixados. Tendo feito isso, você tem de passar um pano sobre as paredes para tirar qualquer poeira. Isso vai fazer a tinta se espalhar melhor.

—Uau, você é um homem construtor extraordinário. Eu começaria apenas jogando a tinta na parede. — Casey realmente sabia o que Hal tinha sugerido, mas gostava de olhar o rosto do grande homem enquanto ele era tentava explicar em termos leigos.

—Eu me esqueci de pegar a tinta. Eu estava indo fazê-lo, enquanto todos estavam na igreja, mas me deixei apanhar e fui ver Ada. —Hal olhou para o relógio. —A loja de tintas abriu daqui uma hora, então eu vou buscá-la.

Casey assentiu com a cabeça e pegou o pacote de panos. Ele e o resto dos caras já tinham deixado as paredes estavam limpas e suaves, mas Casey foi em frente e fez um show, ao fazer tudo o que Hal tinha lhe pedido.

Enquanto ele fazia o trabalho, Casey pensava sobre as decorações para a Véspera de Natal. Isso trouxe uma outra questão.

—Nós vamos enfeitar uma árvore?

—Huh? — Hal perguntou do outro lado da sala.

—Uma árvore? Você enfeita uma árvore a cada ano?

—Sim, eu costumo sair e cortar uma árvore uns dois dias antes do Natal. — Hal abaixou o rolo de pintura e se aproximou, colocando Casey em seus braços. —Nós poderíamos fazer isso no fim de semana, se você quiser?

—Não, eu quero fazê-lo hoje depois que chegarmos em casa. A menos que você prefira fazer pipoca e cranberry antes de cortar a árvore, o que seria bom, também.

—Eu tenho caixas de decorações, bebê.

Casey ficou na ponta dos pés e puxou a cabeça de Hal para baixo para um beijo.

—Tenho certeza que suas decorações são bonitas, mas eu quero uma árvore que seja apenas minha e sua. — Casey descansou a cabeça contra o grande peito de Hal. —Eu sei que provavelmente soa estúpido, mas eu espero que este seja o primeiro Natal de muitos. Eu quero que nós comecemos nossas próprias tradições, e um deles é ter apenas ornamentos que comprarmos juntos ou fizermos juntos. Desde que o nosso dinheiro está indo para pagar o gesso novo, eu pensei que poderíamos fazê-lo à moda antiga.

—Ok. — Hal beijou o topo da cabeça de Casey. —Mas você não vai ajudar a pagar o gesso.

—Vou sim.

—O descuido foi meu. Eu vou cuidar disso.

—Pensei que íamos ser uma equipe? — Casey começou a se afastar, mas Hal o puxou de volta para um abraço.

—Somos uma equipe, mas para a minha própria paz de espírito, eu preciso fazer isto sozinho.

Casey sabia que Hal ainda se sentia culpado sobre o fogo. Ele foi imprensado entre a vontade de contribuir e entre deixar Hal fazer o que ele precisava.

—Com uma condição. — Casey disse finalmente.

—Você me dá os recibos para que eu possa enviá-los à companhia de seguros.

—Fechado. — Hal concordou. —Eu vou buscar a tinta. Você precisa de algo enquanto estou fora?

—Sim, você pode parar no Kyle e ver se ele fez alguns rolos de canela. E aproveite para encomendar alguns rolos para o jantar, e algumas tortas para o dia de Natal. —Hal balançou a cabeça e saiu pela porta. —Espere.

Casey disse correndo para alcançá-lo.

—Se Ada e Dave ficarão por vários dias, talvez você possa encomendar alguns bolos de café ou algo para o café de manhã. —Casey gritou por todo o estacionamento.

Ele podia ver Hal rindo enquanto ele acenava com a mão no ar, deixando Casey saber que ele o tinha ouvido. Uma vez que ele estava sozinho, não havia mais necessidade de fingir que estava limpando as paredes, então Casey puxou o telefone e ligou para Nate sobre as decorações para a festa de Natal.

—Olá? Kyle? —Hal chamou, entrando na padaria vazia.

—Estou aqui. — disse Kyle. —É você, Hal?

—Sim. — Hal passou através das portas giratórias para a cozinha. —Onde você está?

—Estou tentando colocar um cadeado novo na porta.

Passando pelo forno industrial, Hal viu Kyle lutando com a porta que dava para o beco.

—O que está acontecendo?

Kyle suspirou e levantou parte da fechadura.

—Eu estou tentando re-aparelhar a porta com um parafuso, mas ela não está sendo muito gentil comigo.



—Aqui, deixe-me ajudar. — Hal pegou a fechadura e Kyle tirou sua cadeira de rodas para fora do caminho. —Então por que você precisa de uma nova?

—Eu ouvi alguém chocalhar minha porta durante a noite. Realmente me deu arrepios.

—Não o culpo. Você chamou a polícia? — Hal tirou a velha fechadura e usou os parafusos para a nova.

—Eu caí no sono no sofá. Eu ouvi o barulho, mas o tempo que eu levei para pegar minha cadeira e chegar ao telefone, ele havia parado. Eu fui adiante e desci, mas parecia que nada havia sido mexido. — Hal balançou a cabeça. —Você deveria ter chamado a policia em vez de descer. E se a pessoa tivesse entrado?

—Então, eu seria um alvo fácil se estivesse em cima ou em baixo. Melhor aqui onde eu possa, pelo menos, tentar sair pela porta da frente ou pela de trás.

Olhou para Kyle, às vezes ele se esquecia, de como ele deve se sentir impotente em momentos como esse. Ele parecia tão capaz em sua vida diária.

—Da próxima vez, chame a polícia, ou melhor, ainda, chame Gill.

—Por que eu iria chamá-lo?

Hal perfurou os orifícios e montou o a fechadura no local. Pegando o parafuso ele começou a instalá-lo enquanto pensava em Gill.

—Ele mora na cidade e ele provavelmente estaria aqui mais rápido do que a polícia.

Kyle pegou em um fio solto em seu avental.

—Por que ele faria isso?

Fechando os olhos brevemente, Hal esperava que Gill o perdoasse.

—Porque eu acho que ele é meio apaixonado por você.

—Sério? — Os grandes olhos azuis de Kyle se alargaram antes de sorrir. Hal não se lembrava de ter visto as profundas covinhas nas bochechas Kyle antes. Deu uma boa olhada nele.

Com o último parafuso no lugar, Hal verificou a fechadura.

—Vá em frente e teste. — Ele recuou, dando espaço para Kyle manobrar a cadeira.

—Funciona como um encanto. Muito obrigado.

Hal pegou a chave de fenda e a furadeira e os colocou de volta na caixa de ferramentas de pequeno porte.

—Eu vim para pegar algo doce para Casey e encomendar algumas coisas para o Natal.

—Siga-me. — disse Kyle indo em direção à frente da loja.

Antes de pegar a sua encomenda, Hal rasgou uma folha do bloco de pedidos e escreveu o telefone da casa de Gill, da oficina e o celular.

—Aqui, os mantenha em algum lugar próximo e chame Gill se você ouvir mais algum barulho. — Hal sorriu, e girou o lápis. —Ou, se você quiser só falar com alguém.

Pegando o papel, Kyle o colocou em seu bolso.

—Tenho certeza que se Gill quisesse falar comigo ele já teria ligado.

Hal balançou a cabeça.

—Vocês dois são um par perfeito. Preferem ficarem em casa sozinhos com medo de chatear os outros. — Ele colocou a mão no ombro de Kyle. —Ligue para ele.

—Talvez. — disse Kyle. —O que Casey quer?



—Ei, Wyn, você poderia pegar esse lado para mim? — Casey perguntou, de pé perto do topo da escada. Este era o último fio de luzes de Natal, o seu parceiro Hal, tinha saído para pegar as novas mesas e cadeira que a igreja tinha comprado.

—Parece ótimo. — comentou Wyn, se aproximando de Casey para dar uma mão.

—Obrigado. Acho que estamos quase terminando. Depois que Nate voltar do Tyler's com as flores, nós estaremos com tudo pronto para hoje à noite.

Só então, Nate entrou carregando uma grande caixa cheia de plantas poinsétia.

—Há mais na parte de trás do meu SUV. —Nate disse-lhes.

Olhando para o outro, Casey revirou os olhos.

—Eu acho que é a nossa deixa para voltarmos ao trabalho. — Recolheu seu casaco antes de seguir Wyn e Nate para fora.

Uma vez que as seis grandes caixas foram carregadas, Nate voltou para pegar mais uma caixa.

—Essa é a ultima. — Nate disse a colocando no chão.

Casey olhou para a caixa coberta.

—O que é isso?

—Ah, isso, meu amigo, é o nosso quebra-gelo.

—Nosso o quê? — Wyn perguntou, tentando ver por cima do ombro de Nate. Retirando o papel, Nate extraiu o seu prêmio.

—Eu pedi para Tyler fazê-lo para mim. Se eu medi corretamente deve ser longo o suficiente para passar em sequência de um lado a o outro da sala.

—Visco? Como Tyler encontrou visco suficiente para fazer isto? — Casey olhou para a clara linha de pesca com ramo após ramo de visco amarrado com fitas vermelhas encaracoladas.

Nate olhou para o longo fio com um sorriso no rosto.

—Eu fiz o pedido há semanas atrás, antes mesmo de ele abrir sua loja. Homem o cara se assusta fácil. Eu acho que ele perdeu dez anos de sua vida quando eu entrei na loja para fazer a encomenda.

Casey conhecia o porquê de Tyler ser assim, mas foi dito a ele em confiança e ele ainda não tinha dito a Hal.

—Parece que ele fez um bom trabalho.

—Sim, é uma beleza.

—Então me diga qual é o ponto? — Wyn indagou.

Nate suspirou e socou Wyn no braço.

—Nós vamos pendurá-lo através do salão para que todas as pessoas possam ganhar beijos.

—Me desculpe? — Wyn esfregou o braço, ainda perplexo.

—Palmer Wynfield, você está me dizendo que você nunca foi beijado sob o visco? Droga, além dos presentes e do sexo na manhã de Natal, visco é a parte mais importante da festa.

—Desculpe, eu devo ter perdido isso. — disse Wyn, tirando uma linha do seu casaco de caxemira.

Casey viu como Nate deu a Wyn um sorriso diabólico.

—Talvez você possa pedir a Ezra para te mostrar mais tarde?

Wyn deu uma risada sem graça.

—Certo, eu tenho certeza Ezra James vira para a festa. A única razão que o homem montanha vem para a cidade é para assustar os cães, as crianças e a mim.

Nate olhou para Casey e piscou. Ambos sabiam que Ezra planejava participar da festa. Ele tinha saído de sua concha desde o Halloween. Casey sabia o que Nate estava fazendo em sua maior parte, mas esperava que o seu trabalho na sala de recepção também ajudasse.

—Bem, coloque o seu traseiro apertado sob um desses ramos um pouco e veremos o que acontece.

As faces sorridentes começaram a encher a sala, Casey não podia se sentir mais orgulhoso de sua congregação e de tudo que eles tinham feito nos últimos dias. Eles acabaram toda a pintura, a guarnição e fizeram o piso. O resultado era uma sala bem construída que serviria a comunidade por anos.

Sentindo um par de braços envolverem sua cintura por trás, Casey virou o pescoço e ergueu a cabeça para ver o seu homem.

—Ei.

Hal se inclinou e lambeu a concha da orelha de Casey.

—É uma boa festa.

—A melhor. — Casey concordou. Ele se virou nos braços de Hal e o beijou, enfiando a língua tão profundamente como ele podia antes de abraçar Hal.

—Mmm, o que é isso? — Hal continuou a pousar beijos na testa de Casey.

—Você está de pé sob o visco. — Casey respondeu, apontando para cima. Hal riu. —Você não pode andar dez metros por aqui sem estar sob o material.

—Sim, esse era o plano de Nate. — Sorrindo, ele apontou para Wyn. —Cuidado, você pode ver as faíscas voando pela sala. Escolha um homem ou uma mulher e comece a estudá-los. Estão todos dando sinais para aqueles de quem eles querem um beijo.

Casey assistiu Wyn tentando fingir que não estava vendo Esdras pelo canto do olho. Olhou de volta para Hal, que estava olhando para um casal completamente diferente. —Oh, uau, eu não teria suspeitado que isto acontecesse.

Rindo, Hal colidiu seu quadril com Casey.

—Eu gostei. Estou surpreso que tenha levado tanto tempo.

Assistindo, em antecipação, a respiração de Casey falhou quando Gill caiu sobre um joelho e deu um beijo suave na boca de Kyle. Eles pararam, e Casey pode ver Kyle dizer algo a Gill, antes que eles se beijassem novamente, e desta vez o beijo pareceu durar minutos.

—Lindo. — ele sussurrou.

—Sim, é. — Hal concordou.

Enquanto a festa continuou, Casey se manteve ocupado, as mãos trêmulas, conversando com seus amigos e vizinhos.

Pela primeira vez ele sentiu que estava realmente conectado com a comunidade.

Quando Nate finalmente veio até ele com Rio a reboque, Casey o abraçou.

—Obrigado por me ajudar a deixar o lugar pronto.

—O prazer foi meu. — disse Nate, soltando Casey do seu abraço.

Casey viu Hal saindo pela porta que dava para a capela. Ele começou a ir com ele, mas parou quando viu o olhar de paz no rosto de Hal. Casey deu um suspiro de alívio e sorriu.



—Você está feliz. — Rio brincou com ele.

—Eu não acho poderia estar mais feliz do que estou neste momento.

Abraçados ao lado da árvore, Hal traçava o peito de Casey com os dedos. Eles já tinham feito amor e estavam desfrutando do fogo das luzes de sua primeira árvore de Natal.

—É bonita. — Hal, comentou, olhando para todas as decorações caseiras. —E seria ainda mais bonita sem esse balde de plástico embaixo dela, porém. — ele riu.

—Shhh, ela vai te ouvir. — Casey sorriu. —Não se sente melhor sabendo que você salvou uma árvore enquanto ainda é capaz de usá-la?

—Minhas costas ainda estão doloridas de escavar aquela coisa do chão. Eu vou deixar você cavar o buraco para plantá-la no jardim da frente.

—Ela vai agüentar por toda a primavera, certo?

Hal riu e rolou em cima de Casey.

—Eu amo você, bobão.

Casey colocou a palma da mão contra o rosto de Hal, deslizando o seu polegar sobre os lábios de Hal.

—Eu amo você, também.

—Então, isso significa que vou convencê-lo a morar comigo? — Hal estava morrendo por perguntar, mas sabia que era finalmente o momento certo.

—E a minha casa?

—Alugue. Eu sei que você tirou uma parte do seu salário, para alugá-la.

—Eu não posso alugar uma casa que nem sequer é minha. — Casey pareceu pensar sobre isso por alguns segundos. —Acho que eu posso doar à Igreja o dinheiro do aluguel, no entanto.

—Olha, lá vai você, fazendo tudo certo. — disse Hal, mergulhando sua cabeça para baixo para dar um explorador e lento beijo em Casey.

—Você tem certeza sobre eu me mudar? Eu sei que você acha que eu sou perfeito, mas eu tenho alguns hábitos ruins. — Casey começou a contar em seus dedos. —Deixo o assento do vaso levantado, não importa quanta roupa suja tenha no cesto, eu me recuso a lavar roupa mais que um dia por semana, e eu gosto de andar nu. — Casey terminou com um sorriso. Ambos sabiam que este não seria considerado um mau hábito por Hal.

—E você ronca. — Hal acrescentou.

O queixo de Casey caiu.

—Eu ronco? Ninguém nunca me disse isso antes.

—Bom. — disse Hal, lhe dando outro beijo. —Porque eu só notei isso depois de uma noite muito longa da atividade sexual extrema.

—Oh, bem, ai esta, problema resolvido então.

—Quanto ao assento do vaso, não sei se você percebeu, mas eu sou um homem. Todos os homens deixam o assento levantado, a menos que eles tenham em torno de si uma mulher a gritar com eles. E eu vou continuar lavando a minha própria roupa. Minhas coisas ficam bastante sujas, e devem ser lavadas separadas de sua bela roupa da igreja.

—Falando da igreja ...

—Sim, eu sei que você me viu antes. Entrei e tive uma pequena conversa com o homem lá de cima. Pareceu-me que já era tempo de tirar minha cabeça para fora do meu traseiro. —



Hal não iria entrar em detalhes com Casey. Foi um momento muito particular, quando ele não só perdoou Deus, mas sua mãe também. Era hora de seguir em frente e curar antigas feridas. Procurando debaixo da árvore, Hal entregou a Casey um envelope. —Comece a abrir seus presentes.

—Em casa nos nunca abrimos os presentes até a manhã de Natal. — Casey parou e sorriu. —Quero dizer na casa da minha família em Kansas.

—Esta é minha contribuição para a nossa lista de novas tradições, agora o abra. — Hal esperou Casey abrir o envelope. As lágrimas em seus olhos, disse a Hal que ele tinha feito um bom trabalho, em descobrir o que ele queria.

—Eu não posso acreditar que você me deu uma passagem de avião para ver minha família. — Casey da passagem para a lareira.

—Para qual data?

—Primeiro de março, e se você olhar um pouco mais você vai ver que existem duas passagens de avião para lá. Eu sei que fui um pouco presunçoso, mas eu estava esperando que você me deixasse ir com você na viagem.

Casey puxou Hal para baixo para um beijo.

—Você está brincando? Minha mãe provavelmente terá uma longa lista de trabalhos para fazer em casa quando eu disser a ela que eu estou levando um grande empreiteiro para casa.

Rindo, Hal deitou Casey descansando em cima dele.

—Eu não sei o que eu fiz para merecer você, mas eu não vou questionar muito, você pode mudar de idéia.

—Nunca, eu sou seu para sempre.

Sentado na primeira fila da igreja com Dave e Ada, Hal senti uma grande carga de emoção, entre elas orgulho em primeiro lugar. Ele nem sentia o banco duro e desconfortável. Nem o choro da criança na parte de trás da igreja. Enquanto ele via e ouvia o Reverendo Casey Sharp falar com sua congregação, Hal sentiu seu peito se apertar um pouco. Era o seu homem lá em cima, puxando as pessoas para o sermão que ele tinha estado a preparar a semana toda.

Casey ficou na frente da igreja e ergueu as mãos, estendendo a mão para a congregação enquanto falava.

—Nós podemos não estar cercados por parentes de sangue, mas Deus nos deu uns aos outros. E juntos, somos uma família. A melhor parte, é que nós somos uma família por opção. Tome um tempo para virar para a pessoa sentada ao seu lado e aperte sua mão. Essa pessoa muito provavelmente vira à sua porta em momentos de necessidade, não apenas durante a época de festas, mas durante todo o ano.

Hal se virou e apertou a mão de Ryan antes se virar e olhar para Ada. Quando ela tentou tirar a mão, Hal sacudiu cabeça e a puxou em um abraço.

—Obrigado por ser minha mãe por escolha. — disse ele em seu ouvido, para que ela pudesse ouvir acima do ruído da congregação. Ele sentiu Ada segurar a respiração enquanto ela o abraçava mais apertado.

Libertando-a, ele enxugou as lágrimas com seus dedos. Ele foi além de Ada para apertar a mão de Dave. Ele pensou ter visto um pouco de umidade nos olhos de Dave, mas poderia

ter sido apenas a iluminação. Dave era um dos maiores homens que ele tinha conhecido, embora parando para pensar, Hal percebeu que Dave raramente tinha gritado com ele. Garoto, ele tinha varias coisas para reparar.

Preso em pensamentos, Hal quase perdeu o resto do sermão de Casey. A única coisa que continuava voltando a sua mente era o fato de que cada pessoa na sala era família para a pessoa ao lado deles. Hal pensou que era uma boa mensagem. Muitos na congregação de Casey tinham sido rejeitados pelos seus familiares de próprio sangue, pela simples razão deles terem escolhido o amor.

A sensação de paz se assentou no fundo de seu coração, enquanto Casey terminava o serviço com uma oração. Ouvindo unicamente a voz de Casey, Hal fechou os olhos, e inalou o cheiro dos pinheiros recém cortados que decoravam a Igreja. Hal se encontrou curvando a cabeça e pedindo perdão por tudo que ele fez para evitar quem sempre o tinha amado.

Casey ficou na porta da igreja e abraçou cada um dos membros que passaram pelas portas, dando atenção especial para as crianças em suas melhores roupas de festa. Enquanto Hal o assistia, ele percebeu que Casey realmente foi feito para este trabalho. A manifestação pacífica nos rostos das pessoas atestava esse fato. Quando o ultimo membro da igreja saiu, Hal se aproximou e colocou um braço em volta do Reverendo Sharp.

—Isso foi bonito.

As bochechas de Casey ficaram ligeiramente vermelhas enquanto ele abaixava a cabeça.

—Obrigado por vir, isso significava o mundo para mim.

—Oh, eu planejo estar na fila da frente, todos os domingos. — Hal percebeu que Casey tinha ainda de cumprimentar Ada e Dave. Sua chegada minutos antes do serviço começar não tinha deixado tempo para as apresentações. Hal apertou a mão de Casey. —Eu quero que você conheça os meus pais. — Se virou para o casal mais velho ainda em pé ao lado dos bancos e acenou.

—Casey, esta é a minha mãe, Ada, e meu pai, Dave. — Hal sabia que era a primeira vez que ele tinha chamado oficialmente eles assim, e o rosto de ambos o mostrou.

—É um prazer conhecê-los. Eu espero que vocês possam ficar alguns dias. — Casey apertou a mão de Dave, mas Ada o puxou para um abraço.

—Foi um serviço maravilhoso, reverendo. — Ada disse.

—Obrigado, mas me chame de Casey. — Beijou Ada na bochecha antes de liberá-la. Olhando para sua túnica branca, Casey se voltou para Hal. —Vou trocar de roupa e me certificar que tudo está desligado e trancado. Por que não vão os três e me façam um favor. Peça a Kyle para trazer os nossos presentinhos. — Casey disse correndo pelo corredor desabotoando o manto enquanto andava.

Sem pensar nas pessoas ao seu lado, Hal o seguiu.

—Espere. — Casey parou e se virou. Hal deu mais dois passos e puxou Casey em seus braços. —Eu amo você. — ele sussurrou, segundos antes de cobrir os lábios de Casey com os seus. Ele sentiu o fogo que sempre acompanhava o sabor de Casey e gemeu. O beijo ficou profundo demais para ser considerado adequado na frente de seus pais, mas Hal não se importou.

—Feliz Natal, bebê.

—E um Feliz Ano Novo. — Casey sussurrou de volta.